

Sara Miriam Paúl da Silva

2º Ciclo de Estudos em Turismo

Ponte de Lima – Património Histórico e Turismo
As Casas Senhoriais (“Casas Antigas”) como espaços de Turismo de
Habitação

2012

Orientador: Professora Doutora Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/

Projeto/IPP:

Resumo

Ponte de Lima é uma região com um forte cariz histórico. É considerada, por muitos, a vila mais antiga de Portugal, tendo em conta uma história associada à própria origem da nobreza portuguesa, o que justifica a concentração de um grande aglomerado de Casas Senhoriais, comparativamente com o resto do País.

Neste estudo aborda-se o uso deste património histórico (móvel), as Casas Senhorias, ou Casas Antigas, segundo denominação dada pela TURIHAB, ao serviço do Turismo de Habitação, casas que conferem ao turista uma estadia repleta de história, diversão, sossego e calma. Procura-se perceber se tal património é um fator de ativação turística e, por outro lado, se o turismo sustenta o património construído secularmente.

Analisa-se os processos de valorização adotados pelos proprietários destas casas, os mecanismos de captação de clientes, assim como as expectativas dos turistas.

Conclui-se, tendo em conta o trabalho de investigação realizado (e os dados disponibilizados por aquelas Casas que o quiseram fazer), que este turismo de habitação procura ultrapassar o chamado turismo de massas, para reconstituir um ambiente familiar que recrie experiências e vivências que se aproximam do passado, sem ignorar as exigências de conforto atuais. Por isso esta dissertação pode ser como um guia de Casas a percorrer.

Palavras-chave: Ponte de Lima; Património, História; Turismo de Habitação, Casa Antigas, Solares.

Abstract

Ponte de Lima is a region with a strong historical background. It is considered by many, the oldest village in Portugal, considering its historical association to the very origin of the Portuguese nobility, which justifies the great concentration of manor houses in comparison with the rest of the country.

In this study, we approach the use of this patrimony (mobile), the manor houses, or old houses, according to the denomination of TURIHAB, at the service of Rural Tourism, houses that offer the tourist a stay filled with history, fun, quietness and tranquility. We try to understand if that kind of patrimony is a factor of tourism activation, and on the other side, if tourism can sustain the patrimony build secularly.

We analyze the processes of enhancement adopted by the owners of these houses, the processes used in gathering clients, as well as the expectations of the tourists.

In conclusion, bearing in mind the investigation work accomplished (and the data made available by the Houses that were willing to do so) , this type of guest house tourism searches to overcome the so called mass tourism, to reenact a family environment, that recreates a living experience that approaches the past, without ignoring the current demands in comfort. This is why this dissertation can be used as a guide of Houses to stay in.

Key words: Ponte de Lima, Heritage, History, Rural Tourism, Old Houses, Manor Houses.

Résumé

Ponte de Lima est une région avec un fort caractère historique.

Cette région est considérée, par beaucoup, le plus vieux village du Portugal, tenant compte des antécédents liés à l'origine de la noblesse portugaise, qui représentaient la concentration d'un grand aggloméré des maisons seigneuriales, comparée au reste du pays.

Cette étude traite de l'usage de ce patrimoine (mobile), les Seigneuries ou les Maisons Anciennes, selon la dénomination donnée par TURIHAB, au service du tourisme d'habitation, les maisons qui donnent au touriste un séjour chargé d'histoire, plaisir, tranquillité et calme. On cherche à comprendre si ce patrimoine est un facteur d'activation touristique, d'un autre côté, si le tourisme soutient le patrimoine construit séculairement.

Il faut analyser les processus d'évaluation adoptée par les propriétaires des maisons, les mécanismes d'acquisition de clients, ainsi que les attentes des touristes.

Nous concluons, en vue des travaux de recherche (et les données mises à disposition par les maisons qui voulaient le faire), cette maison d'hôtes qui cherche à surmonter le tourisme de masse que l'on appelle, pour reconstituer un environnement familial qui recrée les expériences qui s'approcher du passé sans pour autant ignorer les exigences de confort d'aujourd'hui. Par conséquent, cette thèse peut être aussi un guide de Maisons à parcourir.

Mots-Clés: Ponte de Lima, patrimoine, histoire, tourisme d'habitation, maisons anciennes, manoir seigneurial.

Índice	Pág.
Introdução: objetivos, fontes e metodologia.....	8
 Capítulo. I – Património e Turismo em espaço rural	
1.1 - Património e turismo.....	12
1.2 - Configuração do ‘turismo em espaço rural’ – delimitação de conceitos.....	20
1.3 - O turismo de habitação – Um Percurso Recente.....	27
 Capítulo. II – O Património imóvel – Casas Antigas e o Turismo em Ponte de Lima	
2.1 - O território de Ponte de Lima – breve evolução histórica.....	34
2.2 - Casas Senhoriais e Casas Antigas de Ponte de Lima.....	44
2.3 - Casas Antigas existentes em Ponte de Lima com prática turística.....	51
2.3.1 – Casa de Anquião.....	52
2.3.2 – Casa do Barreiro.....	56

2.3.3 – Casa de Crasto.....	60
2.3.4 – Casa de Fontão.....	63
2.3.5 – Casa da Lage.....	65
2.3.6 – Casa do Outeiro.....	68
2.3.7 – Casa das Torres.....	71
2.3.8 – Casa da Várzea.....	74
2.3.9 – Paço de Calheiros.....	77
2.4 O perfil das Casas Antigas.....	81
Conclusão.....	91
Fontes, Bibliografia e Webgrafia.....	94
Anexos	
Anexo 1 - Breve questionário Casas Antigas em Ponte de Lima.....	101

Anexo 2 – Respostas ao Questionário das Casas Antigas

2.1 – Casa de Anquião.....	103
2.2 – Casa do Barreiro.....	106
2.3 – Casa de Crasto.....	109
2.4 – Casa da Várzea.....	112
2.5 – Paço de Calheiros.....	115

Introdução: objetivos, fontes, metodologia e estrutura

As “Casas Senhoriais (casas antigas) como espaços de turismo de habitação – Ponte de Lima – Património Histórico e Turismo” é o tema orientador da presente dissertação, que procurará analisar o significado das “Casas Antigas” no âmbito do turismo rural, concretamente em Ponte de Lima. Tal designativo significa uma das múltiplas categorias que enquadram o turismo de habitação e será só esta tipologia que iremos abordar, tendo em conta o estudo de caso enunciado. Enquadra-se, do ponto de vista legal, no chamado Turismo no Espaço Rural, que engloba, com a nova lei, criada em 2008, o Turismo de Habitação e o Turismo no Espaço Rural, considerados diferentes práticas turísticas, como mais à frente iremos expor. Sendo que este género de turismo se encontra distribuído irregularmente em Portugal, a verdade é que se concentra mais no Norte de Portugal.¹

A abordagem temática justifica-se por diferentes razões: porque se insere num conjunto de estudos que tem já alguns anos de investigação², aos quais se pretende acrescentar mais um, em torno de um caso e retirar as devidas ilações; porque se procura perceber em que medida o quadro e as mudanças legais mais recentes se traduziram ou tiveram impacto no desenvolvimento do turismo rural; e, por fim, olhar para o espaço de Ponte de Lima, tendo em conta o património imóvel transformado em turismo rural, perceber como se articula e funciona, com as suas valências e dificuldades.

Os objetivos são, em grande medida, os mesmos que norteiam outros trabalhos desta natureza e, por isso, trata-se, antes de mais, de um estudo comparativo. Procura-se perceber se tal património é um fator de ativação turística e, por outro lado, se o turismo sustenta o património construído. Finalmente, perceber se iniciativas turísticas desta natureza contribuíram para o desenvolvimento económico dos espaços rurais ou urbanos em que se

¹ MARTINS, Paulina - Turismo em Espaço Rural VS Turismo de Habitação. A Nova Legislação. In *II Encontro Nacional de Turismo de Habitação*. Ponte de Lima: 1994, p. 1.

situam. Desenvolvimento que traga proventos quer aos diretos proprietários, quer às comunidades em que se inserem.

Uma das hipóteses a explorar será a de apurar em que medida o património arquitetónico (os solares e casas antigas) tendo em conta a sua espessura temporal, ativam a procura de um público marcado por uma componente cultural. Por outro lado, tendo em conta a implantação destes imóveis, em espaços marcados por uma envolvente rural e natural, interrogamo-nos se este tipo de turismo é um meio para se atingir um ambiente que não se tem no dia-a-dia e, particularmente, nas vidas agitadas da cidade, presumindo-se que é destas que é proveniente grande parte dos turistas.

Efetivamente, numa das definições de Turismo de Habitação, repetidamente feita ao longo de várias obras³, é a de ter a vantagem de se tratar de uma forma familiar de fazer turismo, por haver interação do turista com o dono da casa, ou seja, porque permite entrar num espaço privado, que se abre ao que lhe é exterior, se alarga, criando intimidade e proximidade, partilhando formas específicas de conviver. Por isso nos interrogamos acerca do significado deste modelo turístico na manutenção deste património, na sua perpetuação e sustentabilidade. E que tipo de sensações e ofertas são criadas junto do turista, no espaço doméstico e para fora dele nos prolongamentos com o ambiente rural.

As questões de partida são, fundamentalmente, as que procuram definir parâmetros de reconhecimento do universo (quantitativo e qualitativo) destas "casas antigas". Depois entender a sua ligação com as infraestruturas e a envolvente. Por outro lado, procurar-se-á traçar o perfil ou perfis dos seus proprietários e dos seus clientes. Finalmente entender o sentido de património histórico e cultural como fator de atração turística.

Os materiais a utilizar serão bibliográficos e empíricos. No primeiro caso, os conceitos terão de ser abordados, nomeadamente o de património histórico e

³ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*. Centro de Estudos de Antropologia Social: Número 11, 2007.

SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Vol. 5. Núm 2. 2007.

cultural e do património arquitetónico como um dos pilares desse património. Note-se, por outro lado, que o designativo de “Casas Antigas” é uma conceção que não se encontra nos trabalhos feitos por historiadores em geral e historiadores de arte em particular. Existe alguma bibliografia sobre os solares de Portugal e sobre a história destes, no entanto não existe nenhuma obra que estude as Casas Antigas em pormenor do concelho de Ponte de Lima. São conceitos diferenciados que teremos que acompanhar.

A bibliografia tece considerações sobre o concelho de Ponte de Lima e os seus recursos e será importante ter este quadro de fundo, mas a relação com a implantação dos solares é algo que deverá ser trabalhado.

Do ponto de vista estatístico e dos estudos de diagnóstico relacionados com os impactos do turismo, surgem alguns problemas de crítica da representatividade da fonte informativa porque nem sempre se descreve a metodologia do levantamento dos dados. Metodologicamente, a tarefa de identificar as diferentes Casas Antigas foi facilitada com a consulta, incontornável, da obra intitulada “Solares Portugueses- Introdução ao Estudo da Casa Nobre”, onde se faz referência ao desenvolvimento e à evolução que este género de casas foi sofrendo ao longo dos séculos, assim como nesta mesma obra existe ainda um inventário de alguns solares existentes em Portugal.

Os estudos lidos e analisados procuram contextualizar e responder às questões colocadas. Alguns, de síntese, referem o turismo em geral na região do Minho, quais os benefícios que trazem para a região, como, por exemplo, o facto de gerarem emprego, conservarem o meio ambiente e o património material, ajudando a combater o despovoamento dos meios rurais. É feita referência ainda ao que a região pode oferecer aos seus visitantes, da troca de costumes e de tradições, do conhecimento de novas culturas. A opinião veiculada por estes estudos é a de que o turismo será uma maneira de se romper com a vida quotidiana, com a rotina, uma maneira de estar em contacto com algo que é diferente. Revelam alguns dados relativos ao perfil geral dos turistas: na sua maioria são jovens adultos entre os 30 e os 40 anos de idade e geralmente famílias com filhos.

Tornar-se-á bem inspirador, na nossa metodologia de investigação, a abordagem de Luís Silva⁴. Defende que existiriam dois fatores que levam as pessoas a viajar: o impulso de viajar, em que o destino é indiferente (push factors) e o outro fator é o do conjunto dos atributos dos destinos que os levam a viajar (pull factors). Neste pressuposto procurar-se-á testar-se este modelo, apurando ainda se, como o mesmo autor defende, o comportamento dos turistas portugueses e estrangeiros se diferencia (por exemplo, a estada dos estrangeiros é normalmente mais longa que a dos portugueses).

Especificamente, acerca da vila de Ponte de Lima, existem várias monografias que definem a sua evolução histórica, os vários monumentos existentes nesta região, como é o caso das torres, das muralhas e de infraestruturas notáveis (pontes, cais medievais). Esta será a vertente patrimonial. Contudo, poucas se referem à sua transformação do ponto de vista de uso turístico. Assim, será através de um inquérito (vide anexo 1) que iremos tentar saber quais as condições que estas oferecem aos seus hóspedes e quais as atividades, qual o perfil dos turistas que as frequentam e o que os motiva a praticar este género de turismo. É evidente que este levantamento terá sucesso se houver a colaboração dos proprietários, o que nem sempre aconteceu. Quando nos dirigimos às Casas Antigas para proceder a um pequeno questionário, a disponibilidade em receber foi imediata na maioria das casas, assim como pela TURIHAB e pelo seu Presidente, o Senhor Engenheiro Francisco de Calheiros. Responderam os proprietários das seguintes Casas Antigas: Casa de Anquião, Casa do Barreiro, Casa de Crasto, Casa da Várzea e Paço de Calheiros, mas não os das casas da Lage, Casa das Torres e Casa do Outeiro. Da Casa de Fontão não obtive qualquer resposta e era desconhecida no seio da população vizinha. Finalmente, a informação obtida, quer a estatística quer a destes inquéritos será tratada em sínteses que possibilitarão uma mais clara fundamentação do estudo.

As instituições ligadas ao turismo não se revelaram atentas a esta questão. Os contactos feitos com o arquivo municipal de Ponte de Lima e com a TURIHAB

⁴ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*. Centro de Estudos de Antropologia Social: Número 11, 2007.

foram essenciais, no entanto nem sempre se obteve respostas imediatas e concretas.

No sentido de responder aos objetivos colocados, entendeu-se estruturar este estudo em torno de dois capítulos. O primeiro serve de ponto da situação sobre património e turismo de habitação e rural e especificamente um estado da arte acerca de estudos já conhecidos. Num segundo desenvolver-se-á o estudo de caso à volta das casas de Ponte de Lima.

Assim, os subtítulos do primeiro capítulo debatem-se conceitos acerca de património e turismo, definindo alguns que julgamos importantes para este trabalho, como Turismo de Habitação e Turismo no Espaço Rural. Depois definir-se-á o que são solares, casas apalaçadas, casas rústicas, casas antigas, quintas e herdades. Posteriormente, iremos descrever a evolução que o Turismo em Espaço Rural sofreu, passando assim o Turismo de Habitação a já não fazer parte deste. No ponto seguinte, será descrito o que se entende por Turismo de Habitação, o que este implica, quais as suas origens e o que poderá propiciar a quem o pratica.

No segundo capítulo retratar-se-ão as valências da vila de Ponte de Lima, da sua geografia, de alguns dos seus monumentos, lendas, tradições e gastronomia. Posteriormente descreve-se cada uma das nove Casas Antigas que se encontram no Concelho de Ponte de Lima, relatando um pouco da sua história e o que conseguem oferecer aos turistas tendo em conta as questões colocadas. Este será, de alguma forma, o culminar dos objetivos delineados, porque poderá servir de guia turístico a quem as quiser visitar e aí instalar-se. A conclusão fará o remate entre a introdução e o percurso de investigação desenvolvido.

Capítulo I – Património e turismo no espaço rural

1.1. Património e turismo

É consensual a ideia de que o património cultural é considerado “uma nova fonte de recursos para as sociedades rurais”⁵. O património cultural é uma “importante base para o desenvolvimento não só atual mas sim futuro”⁶, resultado de uma associação entre materialidades (património móvel e imóvel) associado a tradições culturais (imaterialidade). A cultura é algo que é deixado aos seus descendentes, é uma herança, assim como o património o é. Património e cultura estão diretamente ligados, como sintetizam as diferentes convenções internacionais, tais como a *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural* (UNESCO, 1972), a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (UNESCO, 2003) e a *Convenção para a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* (UNESCO, 2005), entre outras.

O termo “Património”⁷ deriva do latim e significa herança paterna, é tudo o que nos foi deixado pelos nossos antepassados. Património é algo que se possui, bens móveis ou imóveis, “bens que são adquiridos ou produzidos pelos indivíduos ou grupos e que passam a fazer parte da sua riqueza e que são

⁵ ACOSTA, Elías Zamora – Sobre património e desarrollo. Aproximación al concepto de património cultural y su utilización en procesos de desarrollo territorial. In *Pasos, Revista de turismo y património cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 9, 2011, p. 109.

⁶ Carta Internacional sobre turismo cultural – *La Gestión del Turismo en los sitios con Patrimonio Significativo*. Adaptada por ICOMOS en la 12ª Asamblea General en México, Outubro de 1999, p. 1

⁷ BOTELHO, Manuel João Dias – *O Património. E o Futuro? (Uma urgência problemática)*. Tarouca: Camara Municipal de Tarouca, 1998, p. 2.

herdados pelos seus descendentes”⁸. Património é todo um conjunto, tanto um monumento como o que o rodeia, e que retrata também a memória histórica.

Património⁹ é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. Monumento¹⁰ é uma entidade identificada como portadora de valor e que constitui um suporte da memória. Os monumentos são como “âncoras onde se firma a memória das pessoas e a prosápia das comunidades, que são os indicadores da sua identidade e da sua classificação”¹¹, servem de referência a uma sociedade.

O património não pode ser visto como passado mas sim como algo que está vivo, que faz parte do presente e que poderá ajudar no desenvolvimento futuro de uma comunidade. Segundo Leniaud¹², património é um conjunto de bens que uma geração sente que deve transmitir às seguintes, porque pensa que esses bens são uns talismãs que permitem à sociedade compreender o tempo nas três dimensões.

Em relação às cidades, o Património confere “à vida urbana uma dimensão de vivido através do qual se revelam os sentimentos de pertença, as identidades”¹³. Mas em relação às áreas rurais tal não parece diferente. Sobretudo quando nos questionamos acerca do que é o património rural. O património local permite o desenvolvimento rural, traz oportunidades, pois envolve um conjunto de contextos locais diversificados: desde o património ambiental, ao património arquitetónico e arqueológico (monumentos, casas

⁸ ACOSTA, Elías Zamora – Sobre património e desarrollo. Aproximación al concepto de património cultural y su utilización en procesos de desarrollo territorial. In *Pasos, Revista de turismo y património cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 9, p.102.

⁹ Carta de Cracóvia 2000. *Princípios para a conservação e o restauro do património construído*. Cracóvia (Polónia), 26 de Outubro de 2000, p. 5.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 5.

¹¹ ALMEIDA, C.A. Ferreira de – Património: Riegl e Hoje. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, 1993, p. 411

¹² Idem, *Ibidem*, p. 409

¹³ BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino; LOPES, João Teixeira - Nas rotas da Cidade. In *Encontro A Cidade, entre projetos e políticas*. Porto: FLUP, 2003, p. 124.

senhoriais, palácios, pelourinhos, igrejas, ruínas históricas) até ao património cultural visível nas aldeias com evidentes traços de culturas passadas, especificidades gastronómicas e artesanais, e modos de vida próprios.¹⁴

O património surge como motor de desenvolvimento do território em que se situa. “O Património rural, em vez de ser considerado como uma procura nostálgica, deverá ser assumido como fator de desenvolvimento e mobilização dos agentes económicos de uma dada área geográfica.”¹⁵

Deste ponto de vista associa-se ao turismo, visto este como a mobilidade interessada de alguns. Tais visitantes permitiriam, em parte combater o despovoamento das áreas mais isoladas, permitindo assim fixar a população rural visto que justificaria a criação de alguns postos de trabalho, embora indiretos. O turismo, deste ponto de vista, é gerador de emprego, aumenta os postos de trabalho e está associado a uma mão-de-obra mais jovem. O turismo é um “motor de desenvolvimento do comércio e da restauração”¹⁶, ajudando assim, entre outros aspetos, a preservação da gastronomia tradicional.

A “preservação do património natural e humano, a partilha de experiências e o prazer da arte de bem receber são símbolos da nossa cultura, que nos fazem caminhar para um futuro que preserva a nossa identidade”¹⁷, que permite a evolução de um processo de valorização patrimonial. O património é visto como um potenciador do desenvolvimento rural, pois “induz ao desenvolvimento de diferentes atividades que valorizam os recursos locais”¹⁸. Por isso, este tipo de turismo, o turismo de habitação, tende a criar o intercâmbio de culturas para quem o pratica e para os que, caso que nos

¹⁴ TELES, Susana Maria Machado - *O património como fonte de desenvolvimento sustentável nas zonas rurais do Interior norte de Portugal. O caso do Concelho de Vieira do Minho nas últimas três décadas*. Porto: FLUP, 2009, p. 97

¹⁵ Guia Observação do Património Rural. Lisboa: DGADR, 2009. P. 82

¹⁶ SILVA, Luís - *Os impactos do turismo em espaço rural*. Lisboa: Antropologia Portuguesa, 2005/2006, p. 303.

¹⁷ CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*. Ponte de Lima: TURIHAB, 2006, p. 11.

¹⁸ TELES, Susana Maria Machado - *O património como fonte de desenvolvimento sustentável nas zonas rurais do Interior norte de Portugal. O caso do Concelho de Vieira do Minho nas últimas três décadas*, o. c., p. 95.

interessa, são os proprietários das casas (do património imóvel). Estes são os veículos de um modo de vida, de hábitos e costumes. O que justifica a recuperação de casas assegurando assim o passar de tradições. Nenhum processo de desenvolvimento pode empreender-se sem ter em conta o passado.¹⁹ O património é, assim, considerado importante, não só pelo que representa para a população local, como o que poderá vir a representar futuramente para a região em que se insere.

“Assumindo-se o património como relação entre o passado e o presente, é importante que ele seja preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras”.²⁰ Por isso, as casas antigas representam a tradição, tradições, como a gastronomia, os produtos locais, artesanato, as festas tradicionais e típicas de cada região²¹, trazendo efeitos económicos, ambientais e socioculturais.

O património natural e cultural, território e paisagem, a diversidade e as culturas vivas, a população, tradição e amabilidade em receber atraem turistas e por isso são considerados “máximos atrativos do turismo”²².

O turismo feito em espaço rural, é uma forma de preservação e valorização dos recursos ambientais e patrimoniais, conserva o meio ambiente e propicia o desenvolvimento cultural. Um património natural e cultural intacto e bem aproveitado é uma forma de promoção.²³

Elisabete Figueiredo e Elisabeth Kastenholtz, professoras da Universidade de Aveiro, num convite feito pela PRIVETUR, afirmaram que o papel do turismo rural como forma de desenvolvimento de áreas rurais é modesto, no entanto

¹⁹ ACOSTA, Elías Zamora – Sobre patrimonio e desarrollo. Aproximación al concepto de patrimonio cultural y su utilización en procesos de desarrollo territorial. In *Pasos, Revista de turismo y patrimonio cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 9, 2011, p. 109.

²⁰ Guia Observação do Património Rural. Lisboa:DGADR,2009. P. 100.

²¹ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*. Centro de Estudos de Antropologia Social: Número 11, p 148.

²² Carta Internacional sobre turismo cultural – *La Gestión del Turismo en los sitios com Patrimonio Significativo*. Adaptada por ICOMOS en la 12ª Asamblea General en México, Outubro de 1999, p.2.

²³ ABREU, Antonio Pastor – Turismo: desarrollo duradero? In *Pasos, Revista de turismo y patrimonio cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 2, 2004, p. 145.

Elisabeth Kastenholtz afirmou que devido ao seu efeito multiplicador a nível social, económico, ambiental, demográfico e cultural, é uma ferramenta poderosa.²⁴

O turismo ajuda e contribui para a economia de alguns lugares. Efetivamente, o comércio e o turismo são aliados na atração turística, pois facilitam espaços com poucos habitantes a desenvolverem-se. Defende-se o desenvolvimento, mas busca-se a preservação, a manutenção de elementos conotados com um certo tipicismo e a manutenção da beleza da paisagem.²⁵ A tradição de um determinado local, tem de ser vista como algo autêntico e não como sendo um fator conservador e obsoleto.

Um dos efeitos negativos do turismo é a “perda de identidade regional ou o aumento do custo de vida para a população local”²⁶, visto que os impactos são essencialmente locais. Com a afluência de turistas, irá haver um desenvolvimento acentuado da região, tanto a nível de visibilidade no exterior como a nível local. No entanto, esta visibilidade poderá não ser benéfica para a população local, visto que poderá haver um aumento do custo de vida, por um lado, e uma falsificação dos modos de vida (uma encenação), por outro.

Acresce que, no que respeita à natureza e ao meio ambiente, é necessário ter em atenção a poluição ambiental. Com o fluxo crescente de turistas, é necessário ter algum cuidado e tomar medidas para que este não tome grandes proporções, perturbando o ambiente existente, tantas vezes em nome do desenvolvimento local.

É certo que o destino turístico e o seu desenvolvimento vão depender da existência de infraestruturas de acolhimento e de acesso. A acessibilidade depende sobretudo das infraestruturas de transporte, da situação geográfica do

²⁴ TER é ferramenta poderosa no desenvolvimento rural. PRIVETUR em 13/01/12

²⁵ FERNANDES, José Alberto V. Rio – O comércio e o turismo no desenvolvimento de espaços periférico portugueses. In *Percursos & Ideias, Revista Científica do Instituto de Ciências Empresariais e do Turismo*. Porto: ISCET, Volume 5, 2002, p. 11.

²⁶ Relatório de Sustentabilidade do Turismo de Portugal – *Atuar para o desenvolvimento Sustentável*. Turismo de Portugal, I.P., 2010, p. 48.

destino e das rotas de conexão até este.²⁷ São estes acessos que podem ditar, em grande medida, uma maior afluência por parte dos turistas e, conseqüentemente, havendo um maior afluxo de hóspedes haverá um maior desenvolvimento local. Existindo assim bons meios de transporte e bons acessos a determinados locais, estes também são meios de desenvolvimento local ao serviço de todos.

Um fator também importante no desenvolvimento local é o caso da continuidade de práticas agrícolas, que caracterizam e definem uma especificidade paisagística, como seja o cultivo das vinhas, tantas vezes património de casas de turismo. Nestes casos, os turistas têm a oportunidade de assistirem e até, caso queiram, participarem na produção do vinho, desde a apanha da uva até ao desenrolar de algumas fases de produção do vinho, vivência que algumas casas de turismo de habitação oferecem aos seus hóspedes com grandes resultados de fixação de clientes, porque alguns se deslocam propositadamente para a faina das vindimas, numa articulação entre ambiente, natureza e turismo, que beneficia, assim, territórios periféricos e anima a sua procura por parte de extratos mais jovens e exigentes, faz até acreditar numa evolução francamente interessante.²⁸ É este desenvolvimento de recursos que leva a que a ideia e a atitude dos turistas perante um local sejam um fator determinante na escolha de um destino turístico.

Por vezes, contudo, alguns agentes de turismo tentam fantasiar a vida no campo, criando nos turistas expectativas que nem sempre serão satisfeitas. O autor MacCannel (apud Verbole) denominou a este fenómeno de “autenticidade encenada”²⁹. Estas expectativas por vezes são ultrapassadas. No entanto é necessário ter cuidado, pois caso não corresponda às expectativas criadas, o cliente pode ficar com uma ideia negativa do local.

²⁷ MENEZES, Maria do Rosário Calheiros - *Turismo no Minho: Uma abordagem de Rede*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009, p. 23.

²⁸ FERNANDES, José Alberto V. Rio – O comércio e o turismo no desenvolvimento de espaços periférico portugueses. In *Percursos & Ideias*, o.c., 8.

²⁹ CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa - Implicações do turismo no espaço rural e em estabelecimentos da agricultura familiar. In *Pasos, Revista de turismo y património cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 9, 2011, p. 563.

Existem vários motivos que levam a que os hóspedes escolham determinado destino turístico. A cultura, a paisagem, o ambiente, os monumentos, a amizade que se cria, a troca de experiências e o facto de se “viver uma vida” que não se tem habitualmente, são fatores considerados e, normalmente, a causa principal para a escolha de determinado local. É uma maneira de se “retemperar forças e contrapor à densidade urbanística e à intensidade da vida urbana”³⁰. O futuro do turismo é, assim, visto como “um desenvolvimento harmonioso e equilibrado das atividades económicas, um crescimento sustentável e não inflacionista no que respeita ao meio ambiente”³¹.

“Aspetos como a qualidade ambiental, a tranquilidade, o contacto com a natureza, assim como a preferência por períodos de férias mais curtos, são fatores que incrementaram o interesse do turista pelos espaços rurais.”³² Este ambiente de calma e tranquilidade, que o contacto com o campo propicia e oferece a quem dele quer disfrutar, é um motivo que chama determinados turistas que procuram serenidade.

A gastronomia, a produção agrícola, as acessibilidades, a cultura e a tradição entre outros fatores são meios que permitem (facilitam, incentivam mesmo) a atracção por uma determinada região, promovendo, assim, o afluxo de turistas que vão em busca de algo diferente, que não têm nas suas vidas do dia-a-dia, procurando, tantas vezes, uma calma que não conseguem ter nas suas rotinas diárias.

O mundo rural, a vida no campo, é visto, por isso, como um “complemento de vista de uma população quase totalmente urbana”³³.

³⁰ FERNANDES, José Alberto V. Rio - O comércio e o turismo no desenvolvimento de espaços periférico portugueses. In *Percursos & Ideias, Revista Científica do Instituto de Ciências Empresariais e do Turismo*, p. 11

³¹ ABREU, Antonio Pastor – Turismo: desarrollo duradero? In *Pasos, Revista de turismo y patrimonio cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 2, p. 145.

³² RIBEIRO, José Cadima; VAREIRO, Laurentina Cruz – Turismo e desenvolvimento regional: O espaço rural como destino turístico. In *1º Congresso Internacional*. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007, p. 3.

³³ FERNANDES, José Alberto V. Rio - O comércio e o turismo no desenvolvimento de espaços periférico portugueses. In *Percursos & Ideias, Revista Científica do Instituto de Ciências Empresariais e do Turismo*, p. 12.

1.2. Configuração do ‘turismo em espaço rural’ - delimitação de conceitos

Deveremos, antes da utilização dos termos, clarificar conceitos que derivam quer da evolução da prática turística quer da própria legislação. Pareceu-nos fundamental esclarecê-los antes de qualquer outra abordagem posterior.

Vejamos as definições de Turismo no Espaço Rural e Turismo de Habitação. No primeiro caso, tal como o nome indica, trata-se de turismo feito no contacto com a natureza, no campo, num sítio rural, marcado por atividades agrícolas, do seu calendário produtivo e de tudo o que ele possa oferecer.

Já Turismo de Habitação pressupõe uma especificidade que se identifica com turismo familiar. São necessários vários requisitos, como o do proprietário ter de estar sempre presente, havendo assim a possibilidade de troca de experiências humanizadas, cultura e tradições entre turista e proprietário. Tal como no Turismo em Espaço Rural, é possível o contacto com a natureza e aproveitar assim a calma e a tranquilidade que este nos pode oferecer.

Por outro lado, surgem outras expressões, como Casas Rústicas, Casas Antigas, Quintas e Herdades. As Casas Rústicas³⁴ caracterizam-se pela sua arquitetura e integram-se em meio rural, num aglomerado populacional ou perto deste. São casas pequenas e que se caracterizam por serem simples e práticas.

As Casas Antigas³⁵ são caracterizadas pela sua arquitetura erudita, remontando, algumas aos séculos XVII e XVIII. Guardam nelas relíquias de família e grandes obras de arte. Estas casas são grandes e seculares, ostentando, algumas delas, uma pedra de armas, símbolo de linhagens. Passou a designar, na linguagem de hoje, a casa antiga, secular, grande, apalaçada, com qualidade estética, em zona rural ou em pequena povoação,

³⁴ MARTINS, Paulina - Turismo em Espaço Rural VS Turismo de Habitação. A Nova Legislação. In *II Encontro Nacional de Turismo de Habitação*, p. 5.

³⁵ CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 64.

possuída durante várias gerações por uma família nobre, na grande maioria dos casos ostentando pedra de armas no exterior.³⁶

As Quintas e Herdades³⁷ são caracterizadas pelo acolhimento que decorre num ambiente mais rural, inserido num contexto agrícola. A arquitetura é clássica e tem um toque de rusticidade.

Acrescem, ainda, as Casas Senhoriais e Solares. A casa senhorial portuguesa tem diversas definições, segundo o que é relatado no “Roteiro Casas Senhoriais Portuguesas”. Pode ser um palácio que foi a residência de Reis, ou um Paço que também seria uma habitação de Reis, Infantes ou Bispos, ou passaria a chamar-se assim, caso um Rei tivesse lá passado uma noite. A palavra solar deriva da palavra latina *solum*³⁸ que significa chão e significa uma casa onde teve origem uma família nobre. Para que uma casa seja considerada solar, não é necessário que tenha torre, castelo ou casa forte, mas se as tiver, mais nobre é considerado o solar. No caso dos solares e casas apalaçadas as capelas são muito frequentes.³⁹

Poderá também ser um solar, caso nessa casa tenha origem uma família ou uma quinta, caso existam terras que estejam cercadas por muros. Quando na origem da casa existia uma torre, esta é apelidada com este mesmo nome ou pode ainda ser chamada de casal, no caso de existirem terras limitadas por marcos e quando esta teve origem num emprazamento de bens. A casa senhorial portuguesa pode ainda ser chamada como tal, comparativamente a outras construções também notáveis existentes num determinado local, mas apenas se aí viveu ou vive uma família de origem nobre. Há ainda as casas do mosteiro, que no período de extinção das ordens monásticas (com o liberalismo ou a república) foram vendidas em hasta pública e se tornaram residência de uma determinada família.

³⁶ AMARAL, Augusto Ferreira do - O conceito de fidalgo de solar no antigo direito nobiliárquico. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007, p. 48.

³⁷ CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 64.

³⁸ AMARAL, Augusto Ferreira do - O conceito de fidalgo de solar no antigo direito nobiliárquico. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional, p.44.

³⁹ SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5, Número 2, p. 34.

É neste quadro diverso que a regulamentação turística se instalou. Com efeito, o designado Turismo de Habitação foi criado pelo Decreto Regulamentar n.º 14/78 de 12 de Maio e revogado pelo Decreto-Lei n.º 423/83 de 05 de Dezembro. Surgiu a necessidade de atualizar a legislação, para que esta não fosse tão rígida e “permitisse legalizar e flexibilizar o alojamento turístico vocacionado para um tipo de atuação que foge aos parâmetros mais convencionais do alojamento classificado”.⁴⁰ Por isso, este decreto foi revogado pelo Decreto-Lei n.º 251/84 de 25 de Julho, que estabeleceu o conceito de recuperação de património e criação de alojamento em casas de família. Este decreto esclarece ainda que o turismo de habitação constitui uma modalidade especial de atividade turística, que consiste na exploração de quartos existentes em casas isoladas ou inseridas em núcleos habitacionais, que sirvam simultaneamente de residência aos respetivos donos e que obedeçam aos requisitos mínimos prescritos neste mesmo diploma. Por exemplo, que o número máximo de quartos no edifício principal seja de 10, sendo obrigatório servir o pequeno-almoço aos hóspedes.

Neste Decreto-Lei faz-se a classificação dos edifícios em dois tipos. No Tipo A são considerados os solares, casas apalaçadas ou moradias unifamiliares e nas de Tipo B as casas localizadas em meios rurais, de natureza rústica ou de características regionais evidentes. O Decreto-Lei 54/2002 dá-nos a definição de zonas rurais, como áreas com ligação tradicional e significativa à agricultura ou ambiente e paisagem, de carácter vincadamente rural. Este Decreto esclarece-nos quanto ao Turismo de Habitação, definindo-o como um serviço de hospedagem de natureza familiar, prestado a turistas em casas antigas particulares que, pelo seu valor arquitetónico, histórico ou artístico, sejam representativas de uma determinada época, nomeadamente os solares e as casas apalaçadas.

O posterior Decreto-Lei 39/2008 define Turismo de Habitação de forma semelhante ao Decreto anterior. Passo a citar “são empreendimentos de turismo de habitação os estabelecimentos de natureza familiar instalados em

⁴⁰ MARTINS, Paulina - Turismo em Espaço Rural VS Turismo de Habitação. A Nova Legislação. In *II Encontro Nacional de Turismo de Habitação*, p. 5.

imóveis antigos particulares que, pelo seu valor arquitetónico, histórico ou artístico, sejam representativos de uma determinada época, nomeadamente palácios e solares, podendo localizar -se em espaços rurais ou urbanos”. Neste Decreto exige-se que o número máximo de camas para os hóspedes seja de 15.

De acordo com a antiga legislação, o TER foi criado pelo Decreto-Lei 256/86 e era constituído pelo turismo de habitação que corresponde ao que se chama atualmente de “Casas Antigas”, o Turismo Rural corresponde às “Casas Rústicas” e o Agro-Turismo que diz respeito às “Quintas e Herdades”. Este Decreto foi revogado pelo Decreto-Lei 327/95, onde surgiu um novo conceito, o de turismo de Aldeia. O Decreto-Lei 169/97 revogou o antigo Decreto e restabeleceu as modalidades de Turismo de Habitação, Turismo Rural e Agroturismo, introduziu o conceito de alojamento independente de Turismo de Aldeia e Casas de Campo e foi reformulada a legislação dos Hotéis Rurais e Parques de Campismo Rurais. O Decreto-Lei 39/2008, 07 Março, afirma como diferentes as modalidades de Turismo de Habitação e Turismo em Espaço Rural. Este não é mais do que o regresso às origens, em que Turismo de Habitação e Turismo em Espaço Rural passam a ser vistos como independentes. “A TURIHAB- Associação do Turismo de Habitação, concorda com este regresso às Origens, mas considera fundamental o envolvimento das populações, das entidades públicas, privadas e essencialmente dos donos das casas, neste projeto que representa uma atitude inovadora e que contribui para o desenvolvimento sustentável do meio rural”.⁴¹

A Portaria 937/2008 de 20 de Agosto implementa os requisitos mínimos de funcionamento do turismo de habitação e do turismo em espaço rural,⁴² nomeadamente a noção de empreendimentos de turismo de habitação:

1 — São empreendimentos de turismo de habitação os estabelecimentos de natureza familiar instalados em imóveis antigos particulares que, pelo seu valor arquitetónico, histórico ou artístico, sejam representativos de uma determinada época, nomeadamente palácios e solares, podendo localizar -se em espaços rurais ou urbanos.

⁴¹ <http://www.solaresdeportugal.pt/PT/perfil2.php>

⁴² <http://www.solaresdeportugal.pt/PT/perfil2.php>

2 — A natureza familiar é caracterizada pela residência do proprietário ou entidade exploradora ou do seu representante nos empreendimentos de turismo de habitação durante o período de funcionamento.

Nesta Portaria ficou explícito, também, que é obrigatório o serviço de pequenos-almoços e os serviços de almoços e jantares devem estar disponíveis, com marcação prévia, sempre que não existir um estabelecimento de restauração a menos de 5 km. É permitida a comercialização de produtos artesanais e gastronómicos típicos da região. Cada quarto deve ter uma casa de banho privada, sendo que os quartos duplos devem ter uma área mínima de 12m² e os quartos individuais uma área não inferior a 10m².

Por seu lado, para o enquadramento dos empreendimentos turísticos na rede de solares de Portugal, a TURIHAB, atrás citada, leva em conta, também, os seguintes aspetos⁴³:

- o estilo arquitetónico e a localização;
- a decoração interior, mobiliário e preservação;
- o valor histórico da casa;
- as infraestruturas;
- o nível de conhecimentos e personalidade dos proprietários;
- a atmosfera, hospitalidade, tranquilidade;
- o nível e a qualidade do serviço prestado.

No quadro seguinte procura-se sintetizar algumas das características referentes a cada prática turística, tendo em conta a evolução da legislação.

⁴³ <http://www.solaresdeportugal.pt/PT/perfil2.php>

Tabela 1 – Comparação entre a legislação antiga e a atual legislação no turismo

Legislação Antiga (TER)	Legislação Atual (Turismo de Habitação)	Definição
Turismo de Habitação	Casas Antigas (Turismo de Habitação)	Solares, casas apalaçadas, em geral aquelas cuja antiguidade, valor arquitetónico, dimensões e demais características, as tornem aptas para a prestação, com fins turísticos, de uma hospedagem com qualidade.
Turismo Rural	Casas Rústicas (Turismo de Habitação)	Pela sua arquitetura e demais características, se integrem no meio rural, situando-se em aglomerado populacional ou próximo dele.
Agro-Turismo	Quintas e Herdades (Turismo de Habitação)	Explorações agrícolas nas quais se insere uma casa de habitação, apta para a prestação de hospedagem a turistas.

Fonte: MARTINS, Paulina - Turismo em Espaço Rural VS Turismo de Habitação. A Nova Legislação. In *II Encontro Nacional de Turismo de Habitação*, p. 5.

Segundo a antiga legislação, o Turismo em Espaço Rural era constituído pelo Turismo de Habitação, pelo Turismo Rural, pelo Agro-Turismo, pelo Turismo de Aldeia e Casas de Campo, pelos Hotéis Rurais e pelos Parques de Campismo Rurais, como se enunciou atrás. Neste quadro apenas demos importância aos estabelecimentos turísticos que, pela nova legislação, passaram a fazer parte do chamado Turismo de Habitação. O Turismo de Habitação contempla assim as Casas Antigas, as Casas Rústicas e as Quintas e Herdades.

Existem algumas características que têm de ser respeitadas para que um empreendimento seja considerado Turismo de Habitação., para lá do anteriormente indicado (número máximo de 15 quartos, área não ser inferior a 12 m² no caso dos quartos duplos e nos quartos individuais a 10m²). No que respeita às casas de banho, estas têm de ser simples e devem existir uma por quarto. Quanto às refeições, estas têm de ser obrigatórias quando a oferta nas imediações for inexistente e tem de ser respeitada a gastronomia tradicional.

Os pequenos-almoços são obrigatórios quer exista oferta nas imediações ou não. Quando existirem quartos em anexos, estes só podem existir em número igual ou inferior ao número de quartos existentes na casa principal. A arquitetura das casas não pode ser de construção recente e os anexos, quando existirem, têm de respeitar as linhas arquitetónicas da casa principal.

1.3 O Turismo de Habitação – um percurso recente

“O Turismo de Habitação surgiu no início da década de oitenta, com o objetivo de recuperar o património privado e colocá-lo ao serviço do turismo.”⁴⁴ O turismo de Habitação teve início em Ponte de Lima, Vila Viçosa, Castelo de Vide e Vouzela⁴⁵, decorrente da necessidade em conservar o património arquitetónico já existente e foi uma maneira de responder à procura de alojamento nestas regiões, ou seja, um encontro de vontades.

Coloca-se uma questão de princípio: o turismo de Habitação foi um meio de desenvolvimento do espaço rural? Sabendo-se a sua natureza, como se viu atrás (património imóvel de cariz histórico), quem usufrui da sua disponibilidade para o turismo? Os próprios, que conseguem a reabilitação dos imóveis? O seu uso mesmo que para outros fins? A resposta é múltipla. Em primeiro lugar, os turistas parecem procurar este tipo de turismo de habitação como um meio de fugir à sua vida do dia-a-dia, da rotina diária, e atingirem uma calma que não conseguem ter nas grandes cidades, num ambiente que os projeta para outros tempos, outro calendário e modo de vida. Por outro lado, estes turistas, ao valorizarem este espaço de lazer, contribuem para o desenvolvimento da ruralidade a nível local e para a manutenção do património imóvel em particular.

Efetivamente, o que permite o desenvolvimento de uma comunidade é o conjunto dos seus recursos, perspetiva que comungamos com alguns autores. “O ponto de partida do desenvolvimento dunha comunidade territorial é o conxunto de recursos...que constitúen o seu potencial endógeno”.⁴⁶ O turismo de habitação permite a “exploração dos recursos naturais e culturais”⁴⁷, existentes numa determinada localidade. O turismo de habitação permite a

⁴⁴ <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> (acesso em 14-01-12).

⁴⁵ SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5, Número 2, p. 33.

⁴⁶ RIBEIRO, José Cadima; VAREIRO, Laurentina Cruz – Turismo e desenvolvimento regional: O espaço rural como destino turístico. In *1º Congresso Internacional*, p. 491.

⁴⁷ SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5, Número 2, p. 31.

exploração do património existente, tanto material como imaterial, que passa a ser uma fonte de recursos para as sociedades.

É certo que se insere num património natural, que é um fator de atração, mas exige uma gestão muito cuidada, dada a pressão humana e a possível deterioração do equilíbrio natural. No entanto, tendo esta consciência, pode tornar-se numa condição a acrescentar ao turismo que se torna fator de preservação e reabilitação do meio-ambiente.⁴⁸

Existem várias casas espalhadas por todo o país com esta prática turística, turismo de habitação. No entanto no Norte do país existe um grande aglomerado destas mesmas casas, tal como poderemos constatar nas seguintes tabelas.

Tabela 2 – Número de Estabelecimento Turísticos no Norte

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Turismo de Habitação	866	936	965	1053	1010	1023	1047	1193	1185
Turismo de Habitação no Norte	372	412	429	461	450	448	459	495	496
Percentagem de Turismo de Habitação no Norte	42%	44%	44%	44%	45%	44%	44%	42%	42%

Elaboração própria através de tabelas do INE e Turismo De Portugal

⁴⁸Relatório de Sustentabilidade do Turismo de Portugal – *Atuar para o desenvolvimento Sustentável*. Turismo de Portugal, I.P., 2010, p. 47.

Tabela 3 – Casa Antigas existentes em Portugal

Localização	Casas Antigas
Alcochete	Quinta da Praia das Fontes
Almada	Quinta de Vale Mourelos
Anadia	Casa de Mogofores
Barcelos	Casa dos Assentos
Borba	Casa do Terreiro do Poço
Braga	Casa dos Lagos
Cabeceiras de Basto	Casa da Tojeira
Celorico de Basto	Casa do Campo
Celorico de Basto	Casa de Canedo
Condeixa	Paço da Ega
Crato	Casa do Largo
Fafe	Casa das Paredes
Felgueiras	Casa do Cotto
Fundão	Casa do Cimo
Guimarães	Casa dos Pombais
Guimarães	Casa do Ribeiro
Guimarães	Paço de São Cipriano
Guimarães	Casa de Sezim
Lamego	Casa de S. António de Britiande
Mealhada	Vila Duparchy
Mesão Frio	Casa das Torres de Oliveira
Monção	Casa de Rodas
Óbidos	Casa d'Óbidos
Palmela	Palácio de Rio Frio
Peniche	Casa do Castelo
Peso da Régua	Casa dos Varais
Ponta Delgada	Casa das Calhetas
Ponte da Barca	Casa do Correio Mor
Ponte de Lima	Casa de Anquião
Ponte de Lima	Casa do Barreiro
Ponte de Lima	Paço de Calheiros
Ponte de Lima	Casa de Crasto
Ponte de Lima	Casa de Fontão
Ponte de Lima	Casa da Lage

Ponte de Lima	Casa do Outeiro
Ponte de Lima	Casa das Torres
Ponte de Lima	Casa da Várzea
Póvoa de Lanhoso	Casa de Alfena
Sabrosa	Casa de Vilarinho de São Romão
São Pedro do Sul	Casa do Condado de Beirós
São Roque do Pico	Casa das Barcas
Viana do Alentejo	Casa Santos Murteira
Viana do Castelo	Casa do Ameal
Viana do Castelo	Quinta de Monteverde
Viseu	Quinta de São Caetano

Fonte: http://www.solaresdeportugal.pt/PT/casas_antigas.php

Os dados provam que existe uma maior concentração de casas de turismo de habitação na região Entre Douro e Minho.⁴⁹ Talvez a explicação para este caso seja de natureza histórica dado ter sido uma zona senhorial, de forte densidade da nobreza portuguesa que esteve associada ao processo histórico de formação de Portugal. A este acrescenta-se uma grande rede de comunidades monásticas no Entre-Douro-e-Minho, que justifica a designação de “Norte Senhorial”⁵⁰.

Esta realidade propicia o Turismo de Habitação proporciona a estadia numa casa senhorial e o convívio com as elites de província⁵¹, porque “instalado em antigos solares recentemente restaurados e adaptados parcialmente para esta atividade,..., sediados em freguesias essencialmente rurais, fornecendo a oportunidade ao visitante de se inteirar dos costumes, tradições e economias locais”⁵².

⁴⁹ MARTINS, Paulina - Turismo em Espaço Rural VS Turismo de Habitação. A Nova Legislação. In *II Encontro Nacional de Turismo de Habitação*, p.1.

⁵⁰ PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor - Da linhagem ao solar. Algumas reflexões sobre a evolução da nobreza (séculos XII e XV). In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007, p. 33.

⁵¹ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*. Centro de Estudos de Antropologia Social: Número 11, p. 143.

⁵² PINA, Maria Helena Mesquita (1990) – O Espaço Agrário de Ponte de Lima. [Em linha]. In *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. I Série, Vol. VI, Porto, 1990, p. 59.

“O Turismo de Habitação reafirma o cariz de alojamento familiar e aumenta as exigências dos requisitos de serviço”⁵³, permite cativar um tipo de turista de nível superior e com uma maior sensibilidade cultural e económica. Os hóspedes deste género turístico normalmente são, por regra, cidadãos, de classe média e movidos por uma sensibilidade pastoral rural, que muitas vezes se junta ao gosto pela história.⁵⁴ Esta atração é movida pelo desejo de estar numa casa requintada, carregada de história e pelo desejo de experimentar os estilos de vida das elites de província.⁵⁵

Existe um trocar de culturas e de vivências, há a possibilidade de conhecer as tradições de uma determinada região. Este tipo de turismo corresponde a “estabelecimentos de natureza familiar instalados em imóveis antigos particulares que pelo seu valor arquitetónico, histórico ou artístico são representativos de uma determinada época”⁵⁶.

Os turistas convivem assim com um património recheado de história. Muitas vezes estas casas estavam abandonadas ou passaram a ser casas secundárias, no entanto, “a maioria das casas manteve a sua traça original e por isso as peças de mobiliário e de decoração são de grande valor histórico”⁵⁷. Estas casas estão repletas de história e de bens de família. São exploradas por pessoas singulares ou sociedades familiares, proprietárias do imóvel e nele residentes.⁵⁸

Segundo os dados fornecidos pelo IUTER (Inquérito às Unidades de Turismo em Espaço Rural) de 2001, a maior parte das unidades pertence só a um indivíduo ou a uma sociedade familiar. A maior parte dos proprietários tem entre 45 e 60 anos, tanto são homens como mulheres e possuem formação académica superior. Muitos deles, além da função de administrador da casa, também têm

⁵³ <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> 14-01-12

⁵⁴ SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5, Número 2, p. 31.

⁵⁵ Idem, Ibidem, p. 38.

⁵⁶ Idem, Ibidem, p. 32.

⁵⁷ <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> (acesso em 14-01-12)

⁵⁸ http://www.instituto-camoes.pt/lextec/por/domain_8/definition/15755.html

outras profissões. O turismo de habitação tende a ser um turismo controlado, de carácter familiar e de pequena escala em harmonia com o ambiente que o rodeia.⁵⁹

Estas casas representam alguns dos aspetos mais tradicionais da cultura portuguesa. São consideradas “polos de ensinamento, cultura e apoio social”⁶⁰. Este turismo atrai hóspedes que têm interesse pelo património histórico e pela maneira de receber destas casas, visto que há um género familiar e um modo de vida e tradições que vão aprendendo com o proprietário. É a maneira mais acolhedora e mais personalizada de conhecer as particularidades de cada região, as festas, a gastronomia, os costumes e as tradições.⁶¹ Os proprietários abrem as portas de suas casas, com o intuito de “preservar o legado dos antepassados, mantê-lo e passá-lo às gerações vindouras”⁶².

No que toca às refeições, são casas de carácter familiar, os almoços e os jantares são feitos com os anfitriões da casa e com refeições típicas da região, elaboradas com produtos caseiros.

Nestas casas os donos têm obrigatoriamente de estar presentes, há laços que se criam e muitas vezes os turistas voltam por esse mesmo motivo. Há uma forma muito característica de receber.

Os passeios que os hóspedes podem fazer pelos empreendimentos existentes envolvem os jardins da casa, onde pode haver uma capela, uma fonte e vários elementos de interesses, e onde são desenvolvidas as mais diversas atividades, como andar a cavalo ou visitar a produção de vinho.

Por outro lado, o antigo parece salteado por elementos alusivos à modernidade que servem para conforto dos hóspedes e bem-estar aos seus hóspedes. Assim, estas casas estão equipadas com diversas atividades, tais como piscina, campo de jogos e vinhas. Têm ainda salas de jogos, biblioteca, salas de convívio, que propiciam a interação entre turistas e os donos das casas. Algumas casas dão a possibilidade, àqueles hóspedes que são mais

⁵⁹ SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5, Número 2, p. 34-35.

⁶⁰ <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> (acesso em 14-01-12)

⁶¹ *Solares de Portugal*. Edição e Coordenação: TURIHAB. Maiadouro, 1999, p. 3.

⁶² <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> (acesso em 14-01-12)

apreciadores, de fazer provas de vinho ou até de participar na confeção deste. Com isto, podemos admitir tal como Lanfant⁶³ o diz, que a tradição e a modernidade deixam de ser vistos como “rivais”, no mundo do turismo.

“A visita às Casas Antigas dá ao hóspede uma visão dos modos de vida das famílias e da cultura portuguesa”⁶⁴ e, sobretudo, permite a recuperação da nossa herança, permite que se dê a conhecer ao mundo a nossa história.

Este género de turismo tenta minimizar o despovoamento rural, trazendo novas pessoas para pequenos meios e fazendo com que haja uma verdadeira interação de ideias, valores e costumes. A beleza do mundo rural está na sua diversidade, nos seus contrastes, no cultivar das suas diferenças, mas também na definição da sua identidade, isto é, na capacidade de construir um todo sem que cada um perca a sua própria identidade.⁶⁵ O turismo de habitação preserva as casas, a tradição, a cultura, a arquitetura e os modos de vida.

⁶³ Lanfant citado por SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5, Número 2, p. 34.

⁶⁴ <http://www.solaresdeportugal.pt/PT/perfil2.php>

⁶⁵ <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> (acesso em 14-01-12)

Capítulo II – O Património Imóvel – Casas Antigas e o Turismo em Ponte de Lima

Concentrando-nos sobre o turismo designado por turismo de habitação, que reúne as casas senhoriais, ou “Casas Antigas”, este segundo capítulo procura analisar as suas características no espaço por nós delimitado – o de Ponte de Lima, procurando dar notas do ambiente histórico e ambiental, a justificação para a concentração de casas nobres e o estudo da sua utilização.

2.1. O território de Ponte de Lima – breve evolução histórica

a) Caracterização territorial

Ponte de Lima é um dos dez concelhos pertencentes ao distrito de Viana do Castelo. Este concelho faz fronteira entre o distrito de Viana do Castelo e o distrito de Braga e encontra-se cercado por outros concelhos. A Norte, os de Caminha, Vila Nova de Cerveira e Paredes de Coura; a Sul o concelho de Barcelos que pertence ao distrito de Braga, a Oeste o concelho de Viana do Castelo e a Este os concelhos de Arcos de Valdevez e de Ponte da Barca, também este pertencente ao distrito de Braga.

Ponte de Lima é um concelho que se encontra ao nível do mar e o principal rio que o atravessa é o Rio Lima. Este concelho é considerado quente e fresco. Tem um “verão quente”⁶⁶, com temperaturas entre os 29°C e os 32°C durante cerca de 120 dias por ano, sendo esta influenciada pela proximidade do mar. Tem um “Inverno fresco”⁶⁷ com temperaturas entre os 0°C e os 4°C. Durante o ano, no Inverno, durante cerca de 10 a 30 dias, a sua temperatura encontra-se abaixo dos 0°C.

⁶⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 14.

⁶⁷ Idem, *Ibidem*, p. 14.

Ponte de Lima é coberta de vales, ribeiras e casas antigas repletas de história. Tem ainda “igrejas e as ermidas que ritmam o espaço e marcam as cinquenta e duas freguesias do concelho”⁶⁸.

b) Cultura (Monumentos; festas e romarias; lendas e tradições; gastronomia)

É habitual recuarmos no tempo para procurarmos as raízes para a instalação humana, a que evoluiu ao longo do tempo e como se distribuiu, os vestígios que deixou. No presente estudo, interessa identificar o ambiente que conduziu à instalação das Casas Antigas, senhoriais, que servem hoje o turismo de habitação. O texto que se segue é um breve apanhado, fruto da síntese que alguns historiadores têm desenvolvido e não resulta de qualquer pesquisa pessoal. Servirá, pensamos, como contributo para um roteiro turístico que envolva os imóveis mais emblemáticos do ponto de vista histórico.

Acerca das origens de Ponte de Lima e quais os seus fundadores, subsistem dúvidas, pois existem vestígios de várias culturas. Vários testemunhos provam a presença romana em Ponte de Lima, como por exemplo a possível existência de uma necrópole, assim como foram encontrados pedaços de cerâmica grega e celta. Tudo isto prova a presença destes povos, no entanto não prova qual a data de implantação.

Trata-se de um espaço com grande valor arquitetónico, nomeadamente quando analisamos os monumentos relativos aos “grandes testemunhos de arquitetura românica”⁶⁹. A vila é, por isso, marcada pela ponte romana. Segundo Carlos Alberto de Almeida, a antiga ponte, chamada “velha ponte romana” foi parcialmente destruída e surgiu a necessidade de ser reconstruída. A ponte medieval, sobre o Rio Lima, foi reconstruída no “segundo quartel do séc. XIV”⁷⁰. É uma ponte que tenta imitar outras pontes do Caminho de Santiago e

⁶⁸ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 98.

⁶⁹ Idem, *Ibidem*, p. 100.

⁷⁰ Idem, *Ibidem*, p. 100.

tem uma arquitetura gótica. Atualmente esta ponte é considerada Monumento Nacional, ou seja, “imóvel cuja conservação represente, pelo seu valor artístico, histórico ou arqueológico, interesse nacional”⁷¹. Acresce que sobre esta ponte realizava-se uma feira, como consta do foral concedido em 1125, dado por D. Teresa, tornando-a assim a “vila mais antiga de Portugal”⁷².

As margens do Rio Lima eram muito importantes para a comunidade local, do ponto de vista comercial e estratégico. A carta de D. Teresa foi o “primeiro passo para o desenvolvimento comercial e social de Ponte de Lima”⁷³. A ponte tinha duas torres, sendo que se crê que a da margem direita será a mais antiga pois sempre foi chamada de “Torre Velha”⁷⁴, torre que defendia a ponte.

“Para que Ponte de Lima se enobrecesse e pudesse merecer o nome de vila, impunha-se a construção de muralhas”⁷⁵, estas foram então mandadas construir. Era uma vila circundada por uma muralha com torres, portas e uma ponte, restando atualmente a Torre de S. Paulo e a Torre da Cadeia junto à Porta Nova.

A Torre de São Paulo, considerada Imóvel de Interesse Público atualmente, é o único vestígio existente desta antiga muralha, juntamente com a Torre da Cadeia. Esta Torre é constituída por um terraço e na face voltada para o rio tem um painel de azulejos.

D. Manuel mandou construir a Torre da Cadeia, onde eram guardados os presos, esta ficou concluída em 1511⁷⁶, também esta considerada Imóvel de Interesse Público. Acrescem, no tempo, várias igrejas e capelas datadas dos

⁷¹ SALAVESSA, Maria Eunice da Costa - Teoria histórico-Crítica do restauro arquitetónico e da reabilitação de núcleos urbanos – sua aplicabilidade na defesa do património edificado da região do Douro. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007, p. 209.

⁷² CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 40.

⁷³ MORAIS, Adelino Tito – *Como se fundou a vila de Ponte de Lima? (Ligeiras Notas)*. 3ª Edição. Ponte de Lima: Edição do Autor, 2002. p. 18.

⁷⁴ Conde D’Aurora – *Roteiro da Ribeira Lima*. 3ª Edição. Porto: Livraria Simões Lopes, 1959. p. 100.

⁷⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 101.

⁷⁶ Idem, Ibidem, p. 101.

“séculos XVII e XVIII”⁷⁷. Com efeito, a igreja matriz de Ponte de Lima, era um edifício gótico mandado construir no segundo quartel do século XV⁷⁸. Segundo o que Carlos Alberto de Almeida nos relata no seu livro *Alto Minho*, inicialmente esta igreja era pequena e constituída por uma nave apenas. Posteriormente foi aumentada para três naves e uma nova cabeceira. Foi restaurada e engrandecida nos tempos de El-Rei D. Duarte e D. Afonso V.⁷⁹

As ruas de Ponte de Lima, na parte antiga são estreitas, e obrigam a admirar as “fachadas góticas, manuelinas, barrocas e maneiristas”⁸⁰. Comece-se pela igreja da Misericórdia⁸¹, constituída por capela-mor e uma nave datada do século XVIII. Esta igreja é atualmente considerada Imóvel de Interesse Público. Ao seu lado encontra-se o antigo hospital reconstruído em 1731⁸².

A Capela da Senhora da Penha de França é um dos monumentos também considerados Imóvel de Interesse Público. É uma pequena capela de linhas muito simples, construída no século XVII, servindo para os presos assistirem à missa⁸³.

O Chafariz do Largo de Camões⁸⁴ é um monumento central nesta vila. Este chafariz foi mandado construir para servir de apoio às águas da vila e os aldeões tinham de pagar uma coima sobre o azeite para dar de beber aos animais. Este chafariz foi mandado construir por D. Sebastião, para colmatar a falta de água existente na região. Possui um letreiro com as multas que foram aplicadas à data da sua construção.

O Pelourinho de Ponte de Lima é considerado Imóvel de Interesse Público, situa-se perto do rio e é feito de granito e ferro. Efetivamente, como descreveu

⁷⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 100.

⁷⁸ Idem, Ibidem, p. 102.

⁷⁹ Conde D’Aurora – *Roteiro da Ribeira Lima*. 3ª Edição, p. 103.

⁸⁰ CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 40.

⁸¹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 103.

⁸² Idem, Ibidem, p. 103.

⁸⁴ <http://www.igogo.pt/chafariz-do-largo-de-camoes/> (acesso em 13-02-2012).

o site do IGESPAR (Instituto de Gestão e Classificação do Património) “ Ponte de Lima recebe Foral Novo de D. Manuel, em 1511, na mesma altura em que se levavam a cabo obras de melhoramento em toda a vila, ordenadas pelo monarca. Na sequência do novo foral ter-se-á erguido um pelourinho, do qual ainda restam alguns elementos, embora apenas parcialmente utilizados na reconstrução atual, datada já do século XX.”⁸⁵

Em Ponte de Lima existem várias casas antigas. Estas estão repletas de lembranças dos antepassados, mostram-nos o “seu valor artístico, as potencialidades da terra, do gosto e interesses das suas gentes e do prestígio e emulação de muitas das suas paróquias e famílias”⁸⁶. Estas casas estão espalhadas por todo o concelho de Ponte de Lima, acerca das quais se escreverá no ponto seguinte

No que se refere às festas e romarias deste concelho existem várias espalhadas pelas diferentes freguesias, sendo as mais importantes e as mais conhecidas a Festa da Vaca das Cordas e as Feiras Novas. A Festa da Vaca das Cordas⁸⁷ realiza-se na véspera do Corpo de Deus. É uma festa com uma grande tradição e que tem mais de cinco séculos de existência. Nesta festa, um touro é solto, no entanto está preso por cordas e percorre assim a vila. As pessoas tentam “pegar” o touro e fugir logo de seguida. Esta festa atrai população de várias partes do país, que se deslocam a Ponte de Lima propositadamente para assistir a esta festa.

As Feiras Novas⁸⁸, acontecem no terceiro fim-de-semana de Setembro e dura três dias consecutivos. Esta festa foi instituída por D. Pedro IV e tem este mesmo nome para se fazer a distinção entre as feiras mais antigas de Portugal

⁸⁵ Pelourinho de Ponte de Lima, disponível em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74695/>. Consultado a 20 Setembro 2012

⁸⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 100.

⁸⁷ <http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?idconc=367&op=FR&gr=CL&pag=3> (acesso em 16 – 04-2012).

⁸⁸ <http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?idconc=367&op=FR&gr=CL&pag=3> (acesso em 16 – 04-2012).

que falámos acima, que se realiza quinzenalmente, à segunda-feira, chamada de “feira mãe”⁸⁹.

Existem também algumas lendas⁹⁰ que povoam o imaginário e fazem parte de um património imaterial, associada a um universo social de fidalguia, envolvendo monarquia, senhores nobres e o povo. Por isso lhes damos algum destaque.

A Lenda da Pieira dos Lobos diz que existia um caçador de nome D. Afonso Ancemonde. Um dia saiu para caçar e encontrou-se com uma alcateia. Atacou um lobo e teve de sair a correr, no entanto o seu cavalo já cansado bateu contro um rochedo e o cavaleiro desmaiou. Quando acordou viu-se numa gruta coberto de peles e com uma linda rapariga à sua beira acompanhada por um lobo muito meigo. Ele perguntou o que se passava e a jovem explicou-lhe que ela era uma das sete irmãs de um casal nobre, mas por lapso dos pais, não lhe foi dado uma das seis irmãs como madrinha, o que a condenou a um terrível destino. Em todas as luas cheias ela transformava-se numa pieira de lobos (pastora de lobos). Nesse mesmo dia, essa irmã completava sete anos desse terrível destino e conseguiria libertar-se dele se conseguisse encontrar o amor da sua vida, e esse homem era D. Afonso. Este desconfiou da rapariga, pensando que esta apenas ambiciona-se o seu nome. A rapariga ficou magoada com a sua desconfiança e lançou-lhe um feitiço, onde D. Afonso seria também um pastor de lobos tal como ela em todas as luas cheias. Após este dia, o cavaleiro doou todas as suas terras e morreu de uma doença que ninguém conhece. Reza a lenda que hoje em dia, quando a lua cheia ilumina a Serra de Refojos, consegue-se ver D. Afonso a cavalo seguido de uma alcateia.

A Lenda da Serra da Nó conta-nos a estória de um jovem rei moiro de nome Abakir, que dominava um vasto território por onde passava um rio de nome Lima. Um dia estava a guardar um rebanho e apareceu uma linda rapariga cujo nome era Zuleima, com umas tranças negras com papoilas vermelhas. Este convidou-a para ela o seguir até ao seu castelo na Serra do Nó, onde a iria

⁸⁹ CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 42.

⁹⁰ <http://www.cm-pontedelima.pt/ver.php?cod=0E0I> (acesso em 16-04-2012).

receber como sua esposa entre muitas outras, visto que a sua religião o permitia. A rapariga negou o seu convite, dizendo que não trocava a sua humilde vida pelas maiores riquezas do mundo. Indignado com a sua recusa, Abakir ordenou que os seus guardas a levassem e que só a soltaria quando ela lhe pedisse perdão e aceitasse o seu amor. A pastora não se arrependeu e Abakir não conseguiu esperar mais e mandou chamá-la dizendo-lhe que ela lhe poderia pedir tudo o que ela mais desejasse se Zuleima se tornasse sua esposa. Esta também já estava apaixonada por Abakir e disse-lhe que seria sua esposa se o jovem lhe promettesse que ela seria a sua única mulher e que lhe seria sempre fiel. O Rei aceitou a proposta e foi feita uma grande festa. Passado algum tempo um numeroso exército cristão aproximava-se do seu castelo e era necessária a fuga, no entanto o Rei resistia a tal coisa. Uma noite ouvindo o exército cada vez mais perto, foi buscar o Alcorão, o livro sagrado da sua religião e pôs-se a ler com a sua esposa ao lado algumas passagens. Na manhã seguinte, os soldados cristãos subiram a Serra e pensando que iam conseguir aprisionar Abakir, chegaram ao cimo e não encontraram nada. Hoje em dia, diz-se que em noites de lua cheia se vê o vulto de uma mulher ora vestida de pastora, ora vestida de rainha, com saudades do seu rebanho, do seu castelo e do seu amado Abakir.

A Lenda das Unhas do Diabo fala-nos de um escrivão natural de Ponte de Lima, que era odiado e temido. Falsificava documentos sempre em prol do seu bem. Um dia o escrivão morreu mas antes de fechar os olhos para todo o sempre quis comprar a consideração dos seus conterrâneos, fingindo-se arrependido e recebendo a extrema-unção das mãos de um sacerdote. No entanto, ninguém ficou convencido, não teve direito a caixão, nem o coveiro se dispôs a abrir a sepultura. Os padres franciscanos foram os únicos que tiveram piedade e fizeram-lhe um enterro cristão, enterrando-o no chão de uma das capelas da igreja, colocando-lhe por cima uma laje funerária. Após a cerimónia os frades voltaram à sua vida normal e à meia-noite alguém bateu à porta da igreja e toda a comunidade acordou. Foram ver quem era e depararam-se com um cavaleiro muito alto e magro, envolto numa capa negra. Dizia ser um parente do escrivão e procurava a sua campa para uma prece. Indicaram-lhe o sítio e este com uma força que surpreendeu os frades pegou na pedra que

estava por cima do caixão e arremessou-a para o centro da igreja. Depois pegou num cálice e aproximou-o da boca do escrivão e deu-lhe um murro forte nas costas, obrigando-o a vomitar sobre o cálice a hóstia que o escrivão teria engolido antes de falecer. Os frades estavam abismados a olhar para o cavaleiro e surpreenderam-se ainda mais quando este se intitulou de Diabo e fugiu com o corpo do escrivão na escuridão da noite. O cavaleiro era de facto o Diabo em pessoa, que veio buscar para o Reino das Trevas a alma pecadora do escrivão. Os frades levaram a laje para fora do convento e abandonaram-na à curiosidade do povo que poderia ver as unhas poderosas do Diabo.

A Lenda de D. Sapo relata-nos a estória de um fidalgo de nome D. Florentim Barreto, a quem davam a alcunha de D. Sapo, senhor de várias terras. Era odiado por quem o servia pois exercia muita pressão sobre essas pessoas e dava-se ao luxo de ser ele a passar a noite de núpcias com as noivas dos seus criados. Um dia um jovem criado vendo o seu casamento cada vez mais perto, reuniu os seus companheiros e convenceu-os a demandar a Corte, denunciando a El-Rei tal ato que o fidalgo cometia e pedindo um castigo. Sabiam que D. Florentim tinha grandes amigos na Corte e por isso usaram de manha. Pediram ao Rei que fossem livres e pediu a morte de D. Sapo. O Rei acedeu a tal pedido. Os seus criados reuniram-se e assaltaram o castelo e D. Florentim foi apanhado de surpresa a praticar mais um crime. O jovem noivo conseguiu assim libertar a pureza da sua noiva dos desejos de D. Sapo, assim como toda a população das garras do fidalgo. Os amigos do fidalgo ao saberem de tal ato foram à Corte pedir a El-Rei a condenação dos prevaricadores. El-Rei zangou-se com tal crime e chamou à sua presença quem cometera tal crime, estes foram e afirmaram que os seus motivos eram verdadeiros. El-Rei ouviu-os e ordenou que voltassem às suas terras.

A Lenda do Galgo Preto retrata a estória de um jovem fidalgo chamado D. Rui de Mendonça e que era muito estimado na Corte e as famílias do Reino. El – Rei D. Manuel tinha-o em muito boa conta e quando este foi a Santiago de Compostela incluiu-o na sua comitiva. O caminho escolhido atravessava Ponte de Lima e D. Manuel tinha ali alguns cavaleiros e aproveitou a sua hospitalidade. D. Rui fez a mesma coisa e entre muitas festas, este travou conhecimento com D. Beatriz de Lima, descendente de uma moira de Arzila,

que recebera o nome de Madalena na pia batismal. Devido a esta ascendência, as casas da região recusavam-se a receber D. Beatriz, fazendo com que esta permanecesse solteira.

Falava-se que a mãe de mãe de Madalena era bruxa, dada a feitiços e culpavam-na de ter conseguido através de feitiço ter forçado o cavaleiro cristão a receber a filha por esposa apesar de tantas diferenças. No entanto, isto não impediu que D. Rui se enamorasse por D. Beatriz e ambos já pensavam no futuro. Terminado o descanso, D. Rui rumou a Compostela mas antes jurou amor eterno a D. Beatriz. A notícia espalhou-se rapidamente e trouxe muita alegria aos seus amigos, no entanto outra triste notícia chegou no dia da boda. D. Rui ao entrar para a carruagem levou a mão ao peito e caiu morto. No dia seguinte a esta morte, nas areias finas que ladeiam o Lima, apareceu um galgo preto. O animal vai aparecendo e se alguém se tentar aproximar ele corre, ergue-se no ar desaparece no mar. Diz-se que esta aparição é a alma de D. Rui de Mendonça, condenado pela vingança de D. Beatriz.

A Lenda da Mal Degolada relata-nos a estória de um fidalgo de nome D. Rui Mendes nascido nas terras de Entre-Douro-e-Minho. Era um guerreiro valente, boa pessoa, belo, gentil e era muito cobiçado para casar. De repente, deixaram de o ver. O fidalgo passava a viver dentro do seu castelo mas não vivia só, vivia com uma linda rapariga moira de nome Zaida, que D. Rui trouxera em segredo das suas lutas vitoriosas contra a Moirama.

D. Rui fechava-se no seu castelo, não por haver diferença de religião mas por ciúme, dizendo mesmo à sua amada que se suspeitasse de infidelidade que a matava. D. Rui queria casar com e pediu a um frade, seu familiar que guiasse Zaida na verdade da sagrada doutrina, fazendo-a desacreditar na crença da sua religião. Zaida estava disposta a esquecer a sua religião e o frade aceitou esta tarefa e D. Rui ficou muito contente. D. Rui voltou aos seus afazeres e um dia cansado voltou para o seu lar, pensando que ia repousar nos braços da sua amada. Ao chegar ao jardim viu dois voltou a sussurrarem e viu que era Zaida e um homem encapotado. Atraído pelos ciúmes correu para Zaida e pegando na espada, cortou a cabeça à sua amada. De repente ouve um grito e vê que é o seu amigo frade que estava com a sua amada e viu a monstruosidade do ato que acabou de cometer. Ajoelhou-se e ficou desgostoso

por tal crime que acabara de cometer. Acabou por morrer precocemente de remorsos. Quando nasce a lua cheia, há quem tenha visto já a vaguear um cavalo branco com um fantasma, onde a moira inocente traz no seu peito a cabeça degolada com os olhos abertos de espanto e pavor e os negros cabelos a esvoaçar ao vento.

Finalmente, no que respeita à gastronomia típica de Ponte de Lima, podemos falar dos mais variados pratos da região do Minho, como os rojões, a lampreia, entre outros, mas o prato típico de Ponte de Lima é o arroz de sarrabulho. Este arroz é confeccionado com sangue de porco e é um arroz solto. Este prato chama muitas pessoas que se deslocam de propósito para o provar, visto que é uma iguaria apenas feita da melhor maneira em terras de Ponte de Lima.

Quanto ao enoturismo, este é muito desenvolvido nesta zona do país sendo que o principal é o vinho verde e existem muitas quintas que fazem a demonstração de como este feito, desde a fase das vindimas, em que os próprios turistas podem participar.

2.2. Casas Senhoriais e Casas Antigas de Ponte de Lima

Como Maria Amélia da Silva Paiva refere na sua tese “As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados”, a Ribeira-Lima é uma das regiões do Norte do País onde a arquitetura solarenga se desenvolve extraordinariamente na tipologia do “solar rural, misto de erudição longínqua e de vincada presença de elementos locais”⁹¹.

Este aglomerado de casas existe em maior número na zona Norte do país e em especial em Ponte de Lima, como já se referiu atrás. Através delas poderemos reconstituir a história de uma sociedade, observando as suas características e elementos que a adornam e decoram, fruto das tradições culturais, religiosas e costumes de uma determinada época.

Consideram alguns que a casa solarenga de província é a “casa que melhor define um estilo de vida português”⁹², porque há uma mistura de estilos que nos mostra o evoluir destas casas ao longo dos anos, pois estas foram sofrendo alterações, foi-se acrescentando e retirando espaços ao longo das épocas.

A antiguidade e a história sociocultural de Ponte de Lima explicam a existência de tantas casas senhoriais, sendo a mais antiga a casa-torre.⁹³ “A história da casa senhorial começa com a torre”⁹⁴, sendo que os primeiros exemplares surgem no Norte, associada às primeiras guerras, ora entre a nobreza ora de

⁹¹ PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto: FLUP, 2004. Volume 1, p.23.

⁹² AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 1, p. 9-10.

⁹³ PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto: FLUP, Volume 1, p. 25.

⁹⁴ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, Volume 2, p.19.

reconquista, sendo construídas casas e respetivas torres com esse caráter defensivo.⁹⁵

Podemos fazer aqui uma separação de conceitos. O conceito de Torre é diferente do conceito de Castelo. Castelo é um núcleo forte onde os senhores e o Rei se reuniam e abrigavam, é uma construção real ou nobre, a habitação do nobre, local de refúgio para a população e que ao longo dos tempos se foram tornando mais complexos.⁹⁶

Um paço, assim como a casa-torre designam a habitação do rei e também da nobreza. Uma torre é destinada à habitação principalmente do senhor, é uma casa, lugar de assembleia e uma fortificação.⁹⁷ Começou a ter uma finalidade militar e a partir do séc. XIV foram “aproveitadas pela Nobreza para sustentar rivalidades”⁹⁸. Esta surge assim como elemento decorativo ou como representação da Nobreza que aliada à escadaria e ao brasão dava um ar de dignidade.⁹⁹ A casa-torre tinha requinte e serviria assim para a afirmação do poder.

As torres começam a ter alguns elementos de decoração, como é o caso das janelas, que surgem no século XV, e começam a ser um sinal de evolução. Existem variados tipos de casas, como a casa senhorial constituída por uma ala residencial adossada a uma torre (a que é mais frequente)¹⁰⁰, a casa que adota duas torres e um corpo de ligação, um corpo central¹⁰¹ (como por exemplo é o caso do Paço de Calheiros, a Casa da Lage e a Casa das Torres) e temos ainda a casa em que a torre ocupa posição central (a mais rara).

⁹⁵ AMARAL, Augusto Ferreira do - O conceito de fidalgo de solar no antigo direito nobiliárquico. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, p. 45.

⁹⁶ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 2, p. 20.

⁹⁷ Idem, Ibidem, p. 20.

⁹⁸ Idem, Ibidem, p. 19.

⁹⁹ AZEREDO, Francisco de - *Casas Senhoriais Portuguesas. Viagens de Estudo Do IBI*. Braga: Oficinas Gráficas da Livraria Cruz, vol. I, 1978.

¹⁰⁰ PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto: FLUP, Volume 1, p. 32.

¹⁰¹ Idem, Ibidem, p. 31.

Ao longo dos tempos vão existindo adornos que demonstram evolução e uma certa modernidade e conforto. Surge assim as chaminés que testemunham um certo estatuto e conforto. Surge ainda o pátio fechado que se conserva por muitas épocas.¹⁰²

Há um contraste entre Norte e Sul de Portugal. No Norte há um “apego” ao medieval, a arquitetura revela-se mais presa, não evolui tanto. No Sul há uma maior evolução, há uma maior aceitação do que é novo, por razões que se podem prender com a continuidade ou não dos seus habitantes, pelos usos que vão adquirindo. Com efeito, houve uma evolução ao longo dos tempos e na época dos descobrimentos e o contacto com outras civilizações, justifica as adaptações. O Renascimento em Portugal surge no séc. XV por intermédio de escultores franceses, como Nicolau Chanterene e João de Ruão (Mosteiro dos Jerónimos) que contribuem para o surgimento, no século XVI, de motivos renascentistas, no Norte do país, mas sobretudo em igrejas.¹⁰³ . Havia um certo receio pelo que era novo e a arquitetura e os próprios construtores estavam presos às tradições da casa nobre medieval e usavam o novo estilo apenas como forma de ornamentação (séc. XVI). A arquitetura era muito sóbria e só mais tarde, no séc. XVIII, vai-se apresentar mais exuberante.¹⁰⁴

Em Portugal mantém-se muito a tradição do antigo, do medieval, principalmente no Norte do País. No Sul vê-se mais a arquitetura renascentista. No Norte dá-se o salto da Idade média para o Barroco, não houve um grande interesse pelo Renascimento. No Centro e Sul ligam mais ao renascimento e deixam o que é medieval e antigo um pouco mais para trás.

Na primeira metade do séc. XVI, a casa nobre adquiriu outras proporções, eram criadas novas divisões para diferentes funções. As casas antigas foram aproveitadas, ampliadas e restauradas. As casas não eram construídas de raiz, iam sendo alteradas, muitas sofriam ampliação e melhoramentos, e isso proporcionou a sobreposição de épocas e de estilos, às vezes faltava algum

¹⁰² AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 3, p. 36.

¹⁰³ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 3, p. 39.

¹⁰⁴ Idem, *Ibidem*, p. 40.

equilíbrio. No século XVI usava-se muito as torres que evoluíam com outros elementos apenas de maneira acessória.

No século XVIII, a época das grandes casas, é o resultado das riquezas insufladas, as que vêm do Brasil e melhorou-se assim a casa dos antepassados, refletida na arquitetura. “Os brasileiros de torna-viagem fugiram das correntes setecentistas e destacava-se o puro exibicionismo”.¹⁰⁵ Estes, construíram além de casas, edifícios de utilidade pública, como hospitais, museus, teatros, entre outros. Nesta altura houve a ascendência de muitas famílias, que determinaram um maior surto de casas nobres, durante o século XVIII, principalmente na zona de Entre Douro e Minho.¹⁰⁶ O século XVIII, foi “o século por excelência da casa nobre”.¹⁰⁷

As varandas começaram a desempenhar um papel cada vez mais importante no séc. XVIII. No Norte, o pavilhão ou “casa de fresco”, que era separado da habitação, começa a desempenhar um papel também importante.¹⁰⁸ A construção das casas de fresco tinha um interesse paisagístico, servia para o contacto com a natureza, e para refugiar das temperaturas no verão.¹⁰⁹

No século XVII, dá-se o período de transição entre o maneirista e o barroco, aparece a casa de planta em U. As plantas das casas eram mais regulares, e havia alguma resistência em aceitar a arquitetura barroca, que se estava a espalhar pela Europa.¹¹⁰

¹⁰⁵ PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Volume 1, p. 36.

¹⁰⁶ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 5, p. 79.

¹⁰⁷ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 7, p. 98.

¹⁰⁸ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 4, p. 49.

¹⁰⁹ Idem, Ibidem, p. 53.

¹¹⁰ Idem, Ibidem, p. 56.

Nos séculos XVII e XVIII a nobre casa portuguesa, começa a desenvolver o pátio murado e elementos renascentistas, mais no Sul, visto que no Norte eram mais presos ao medievalismo, a casa era mais fechada.

O século XVIII, “é um dos períodos mais representativos da casa nobre em Portugal”¹¹¹, tendo em conta a evolução construtiva que acrescentou outros sinais de nobilitação. Por exemplo, tentou-se agregar a capela à casa (como se fez com a torre), e surgem elementos que caracterizam a casa setecentista em Portugal, como as escadarias de lanços opostos, linha baixa, fachadas (sendo as fachadas do Norte mais elaboradas¹¹²), o beiral saliente, a capela, dois pisos (o superior era o andar nobre¹¹³), janelas com cornijas dobradas, as portadas (que surgem inicialmente no contexto da casa nobre seiscentista, assumindo uma importância significativa durante o século XVIII)¹¹⁴, a torre e a pedra de armas.

A casa torre persiste durante todo o séc. XVII., o estilo barroco começa por surgir na talha dourada do séc. XVII, antes de iniciar na arquitetura civil¹¹⁵. E finalmente o século XVIII é o século por excelência do barroco.¹¹⁶ Efetivamente, havia um fascínio pelo que era italiano, mas os Portugueses adaptavam isso à sua maneira. Isso explica a originalidade da nova arquitetura setecentista, a arquitetura barroca. A arquitetura setecentista do Norte do País é uma das mais originais contribuições portuguesas para o barroco europeu.¹¹⁷

¹¹¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Da torre solarenga à torre de aparato: Formas da casa nobre do século XVI ao século XVIII. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007, p. 286.

¹¹² Idem, Ibidem, p. 287.

¹¹³ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 4, p. 58.

¹¹⁴ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Da torre solarenga à torre de aparato: Formas da casa nobre do século XVI ao século XVIII. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional, p. 397.

¹¹⁵ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 5, p. 65.

¹¹⁶ Idem, Ibidem, p. 65.

¹¹⁷ Idem, Ibidem, p. 66.

O Norte “salta” do gótico para o barroco, o que contrasta com o sul¹¹⁸. O Renascimento tem uma arquitetura que se revela clara e estável, no barroco é mais dinâmica e inquietante, espírito dramático, e as fachadas (muito importantes no Norte) exploram o conjunto casa-natureza. Desenvolve-se na horizontal, e as casas possuem dois andares – o de cima é o andar nobre e as janelas neste piso são mais ricas. No piso inferior existem os celeiros e as adegas.

Nesta altura existe um contraste na própria casa, a escadaria (dinâmica) contradiz com a casa (estática). Na arquitetura doméstica as plantas são conservadoras, não trazem inovações. As casas começam a ser mais ricas, tinham paredes de azulejos, tetos pintados e as salas são altas, mais tarde surgem as paredes pintadas. As pinturas serviam em certos salões nobres para “prolongar os espaços até ao infinito”¹¹⁹.

Demonstram uma maior riqueza nos adornos que ostentam. Houve uma tentativa de relacionar a casa com o jardim. Surgem os jardins com muros decorados e bastantes ornamentados. Noutras casas, eventualmente menos ricas em rendimentos, a decoração é mais modesta, sendo reservada para a capela, que demonstrava uma maior ostentação e riqueza, isto evidencia como a capela, o sentido religiosos e espiritual, era importante para a família.¹²⁰

As portadas são, em última análise, o cartão de identificação, dão um ar condigno à casa e dignificam-na, fazem a barreira “entre o privado e o público”¹²¹.

Em resumo, como Carlos de Azevedo identificou, estes são os elementos que melhor definem a casa nobre setecentista¹²²:

¹¹⁸ AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Volume 5, p. 68.

¹¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 74.

¹²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 74.

¹²¹ PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*, Porto: FLUP, Volume 1, p. 126.

¹²² Sintetizados por FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Da torre solarenga à torre de aparato: Formas da casa nobre do século XVI ao século XVIII. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional, p. 286.

- A concentração do esforço arquitetônico e decorativo na fachada, principalmente na entrada nobre, e a tendência de acentuar a linha superior dos frontispícios pelo emprego de frontões ou ornatos;
- O desenvolvimento horizontal das fachadas, muitas vezes articuladas por pilastras, pouco salientes, que a dividem em três ou mais secções, com a existência, por vezes, de barras horizontais;
- A valorização da escadaria no exterior e no interior.

2.3. Casas Antigas existentes em Ponte de Lima com prática turística

O Turismo de Habitação permitiu a “recuperação de inúmeros imóveis que se encontravam totalmente degradados e principalmente deu vida a casas praticamente desabitadas ou residências secundárias”¹²³. A TURIHAB tem sido o principal promotor do programa LEADER, que financiou a construção de muitas infraestruturas de valorização de património a nível local. Esta instituição preocupa-se com o impacto ambiental causado pelo turismo, com a preocupação de este não degradar a qualidade da paisagem, nem o ambiente. Este objetivo é mantido e reconhecido, sendo que a vila de Ponte de Lima recebeu a Bandeira Verde¹²⁴, símbolo das cidades e vilas mais limpas de Portugal.

A TURIHAB criou uma imagem de marca, os Solares de Portugal, que classifica os diferentes tipos de casas existentes no país em três categorias “de acordo com a realidade de alojamentos existentes”¹²⁵. Os solares de Portugal encontram-se divididos assim em três classes¹²⁶:

- “Casas Antigas” - caracterizadas por uma arquitetura erudita com incidência entre os séculos XVII e XVIII, podendo no entanto ser incluídas casas com valor patrimonial autêntico, marcando épocas e movimentos da história. Estas casas encontram-se recheadas de mobiliário da época e muitas delas guardam preciosas relíquias de família. Pode-se ficar alojado na própria casa ou em pequenos apartamentos usufruindo sempre do mesmo ambiente;
- “Quintas e Herdades” – caracterizadas pela existência de uma propriedade agrícola, onde o acolhimento apresenta uma componente

¹²³ Conde de Calheiros — *Solares de Portugal, Palestra Proferida em 20 de Maio de 1995 na sede da Casa do Concelho de Ponte de Lima*. Lisboa, 1995, p. 7.

¹²⁴ Idem, Ibidem, p. 12.

¹²⁵ Idem, Ibidem, p. 8.

¹²⁶ Idem, Ibidem, p. 8.

marcadamente rural e cuja casa principal poderá enquadrar-se na arquitetura clássica erudita ou rústica;

- “Casas Rústicas” – caracterizam-se mais pelo valor etnográfico que o arquitetónico, utilizando materiais da sua região, de arquitetura simples e usualmente de pequenas dimensões, confortável e prático. Localizam-se em ambiente rural, oferecem momentos de calma e de sossego próprios da vida no campo.

Estas casas são ainda divididas, no que respeita aos preços em três categorias, A, B e C, de acordo com a sua localização, arquitetura, história da casa, a decoração e o mobiliário, o espaço envolvente, jardins e infraestruturas e a qualidade do serviço prestado. São assim classificadas com “categoria A”¹²⁷ as casas mais imponentes, tanto pela sua grandeza em termos de tamanho, pela sua decoração e jardins envolventes. As classificadas com “categoria B”¹²⁸ têm características semelhantes às anteriores, no entanto em termos de dimensões, são mais reduzidas. As de “categoria C”¹²⁹ são casas essencialmente rústicas ou são quintas que foram adaptadas com conforto e bom gosto.

É sobre as primeiras, denominadas “Casas Antigas”, existentes no concelho de Ponte de Lima, que nos iremos debruçar, sendo que existem nove, tal como podemos constatar através da tabela 3 (VIDE Anexos). Tentaremos dar resposta a algumas questões e explicaremos alguns aspetos que se consideram importantes na análise de uma instituição e no estudo dos seus hóspedes. Esta descrição poderá servir de guia a quem as quiser aproveitar, tal como propusemos no início deste estudo.

¹²⁷ LIMA, Luís; CARVALHO, Teresa – Solares de Portugal. [S.L.]: Unibanco, 2000, p. 9

¹²⁸ Idem, Ibidem, p. 9.

¹²⁹ Idem, Ibidem, p. 9.

2.8.1 – Casa de Anquião¹³⁰



a. História da instituição

A Casa de Anquião fica situada em Fornelos e foi construída no século XVI. “

“O Morgado do Anquião foi instituído em 1714 por Luís Meireles de Lima Pacheco. Tendo sido extinta a linha primogénita, foi dirigido pela Casa de Nossa Senhora da Aurora até ter sido adquirida pelo actual proprietário, que restaurou todo o conjunto edificado em 1994”. O proprietário em 2003 era o Exmo. Senhor António Victor Gonçalves da Silva ¹³¹.(casa não indicada no Inventário do IGESPAR)

b. Localização geográfica

Esta casa situa-se na Quinta de Pias em Fornelos, lugar Deveseira, freguesia Fornelos, Concelho de Ponte de Lima.

¹³⁰ Esta Casa não respondeu ao inquérito enviado. Informação retirada e cedida por: Axis Ponte de Lima Hotel.

CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 46.

<http://www.casadeanquiao.com/casa.php?lang=pt>

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=25>

http://www.turihab.pt/pt/ca/ca_012.html

http://www.portugal-rural.com/pt/alojamento_info.php?id_aloj=135

<http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=canquiao>

¹³¹ PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto: FLUP, volume.2, p.195

c. Alojamento e condições oferecidas

Esta casa é constituída por um edifício principal e por dois anexos agrícolas. O edifício principal tem dois andares, é constituído por alguns quartos e apartamentos confortavelmente equipados com ar condicionado, TV e telefone. Na entrada da sala principal da casa, encontramos a história da casa esculpida à mão. Na sala de jantar, podemos observar os seus tetos pintados e na sala de estra podemos desfrutar de um ambiente acolhedor e confortável, com um lagar e uma lareira em pedra. Nos quartos é recriado um ambiente familiar.

Esta casa possui sala de TV, bilhar, biblioteca, sala de jogos, campo de ténis e de golfe, piscina exterior e parque automóvel.

O serviço de pequeno-almoço está inserido no serviço de hospedagem.

O exterior é composto por um pátio que conduz aos jardins que nos levam até uma piscina e um jacuzzi com vista para o campo de golfe. Nesta casa existe uma capela e os seus hóspedes podem usufruir dos seus jardins, dando passeios a pé. Os seus proprietários sabem falar vários idiomas, como inglês, francês e espanhol, o que facilita a comunicação com os seus hóspedes.

d. Facilidades de acesso

A casa de Anquião encontra-se relativamente perto do aeroporto e de uma estação de comboios, sendo que depois de chegar a qualquer um destes sítios será necessário apanhar outro meio de transporte, como uma camioneta ou até mesmo um táxi.

e. Meses de maior afluência;

Os meses de maior afluência são os de verão, junho, julho, agosto e setembro.

f. Espaço envolvente

Esta instituição no seu espaço envolvente tem um centro hípico onde se pode ter aulas de equitação, tem uma pista de Karting e espaço para se praticar canoagem. Esta casa tem parcerias com empresas de karting, canoagem, visitas guiadas à região e com empresas de provas de vinhos. Tendo em conta que esta casa se encontra dentro do campo de golfe “Axis Golfe de Ponte de

Lima”, os seus hóspedes podem praticar também no seu espaço envolvente golfe e no Health Club deste Campo, podem ainda encontrar piscina interior aquecida, banho turco, jacuzzi, ginásio e massagens.

A casa de Anquião e o Hotel Axis Golfe de Ponte de Golfe pertencem a grupos diferentes, no entanto a administração é a mesma e portanto tem parcerias.

Esta casa não possui serviço de restaurante, no entanto neste mesmo complexo podemos encontrar dois restaurantes que apresentam aos seus clientes a cozinha regional típica.

Esta instituição encontra-se perto de hospital, da farmácia e da praia.

g. Atividades praticadas;

Nesta casa existem várias atividades que os seus hóspedes podem praticar como uma forma de lazer, de desportivismo e de passar o tempo. É possível jogar bilhar no interior da casa, pois esta possui uma sala de jogos, que incentiva ao convívio entre os hóspedes e a família. No exterior da casa pode-se jogar ténis, praticar golfe e usufruir do jacuzzi e da piscina nos dias mais quentes. Os jardins da casa convidam a dar loges passeios quer sozinho e usufruir de calma como acompanhado.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes;

Os visitantes desta casa são na grande maioria portugueses e os estrangeiros são maioritariamente espanhóis, ingleses, franceses, holandeses e alemães. Estes hóspedes têm um nível cultural elevado e a idade ronda os 35 anos sendo que a frequência é predominantemente por famílias constituídas por duas a quatro pessoas. Ficam alojados no mínimo duas noites, principalmente os estrangeiros, a sua grande motivação para se deslocarem a esta casa é a prática de Golfe, o contacto com a natureza e por ser próxima de Ponte de Lima. Os turistas sabem da existência desta casa principalmente através da *internet*.

2.3.2 - Casa do Barreiro¹³²



a. História da instituição

Esta casa é uma construção do século XVII. Foi o Padre António Gonçalves Monteiro que reconstruiu esta casa e por testamento, em 1643 lhe juntou a quinta e as terras dispersas. A casa foi passando por várias gerações e foi sendo restaurada e sofrendo “acrescentos”, ao longo dos anos.

A agricultura foi a principal atividade agrícola praticada nesta casa, sendo que era uma quinta rica em macieiras e na produção do milho, no entanto e como veremos mais à frente, a principal atividade agrícola praticada hoje em dia é a vinha.

Gaspar Malheiro Cardoso de Meneses Pereira Peixoto procurou manter a casa intacta e aderiu ao Turismo de Habitação. Este senhor foi sem dúvida um dos grandes divulgadores do Turismo de Habitação. Faleceu solteiro e passou a casa à sua irmã Maria Teresa Barba de Meneses Malheiro Faria Barbosa, a proprietária atualmente.

¹³² Informação retirada e cedida por:
Proprietário da casa, Maria Teresa Barba de Meneses Malheiro Faria Barbosa.

CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 30.

<http://www.casadobarreiro.com/index2.html>

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=27>

b. Localização geográfica

Esta casa encontra-se localizada no lugar de Pousada, freguesia de Gemieira, concelho de Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

A casa do Barreiro tem prática turística há cerca de trinta anos.

A constituição desta casa é de três apartamentos e de seis quartos e os seus hóspedes podem escolher onde pretendem ficar alojados.

Possui um pátio central onde existe uma fonte e vários recantos acolhedores, como jardins e fontes.

As paredes têm um toque antigo e são recortadas com janelas de guilhotina, torres, chaminés e varadas.

Nos muros da casa podem ver-se pássaros, cornucópias e um painel enorme em “trompe-l’oeil”¹³³, com uma escadaria também grande, onde tem uma estátua de um casal enamorado e de um galgo.

A casa apresenta um exemplar de azulejos portugueses, encomendados a João Colaço que foi um revivalista da utilização do azulejo em Portugal.

Esta casa oferece as mais variadas atividades, tanto ao ar livre, como no seu interior. Existe a possibilidade de dar passeios a pé, ir até à piscina e até fazer jogos de ténis. Visitar as vinhas monumentais e os seus lindíssimos jardins, andar a cavalo, de bicicleta e fazer passeios de jipe. Pode-se ir até à adega e fazer provas de vinho.

No seu interior a casa tem um salão de jogos com mesas de bilhar e uma capela. Existe ainda uma sala de conferências e durante todo o ano há a realização de vários eventos. A casa oferece ainda a possibilidade aos seus hóspedes de provarem pratos típicos da região e com animais criados na própria quinta. São servidos pequenos-almoços, almoços lanches e jantares. Quando a casa está lotada não existe serviço de jantar. Não tem serviço de bar mas possui bar. Os seus proprietários têm a facilidade de saberem falar quatro

¹³³ Técnica usada em pintura e arquitetura, que cria uma ilusão de ótica, mostrando objetos e formas que não existem realmente.

línguas diferentes, português, inglês, francês e espanhol, o que ajuda muito na comunicação com os seus hóspedes, na troca de ideias e de experiências.

d. Facilidades de acesso

Esta casa tem fácil acesso para quem viaja de transporte próprio, sendo que é necessário um veículo para quem viaja de avião para se poder deslocar até à casa. Os hóspedes poderão ainda ir de comboio até Viana do Castelo e aí apanharem uma camioneta ou um táxi até à casa. Existe ainda uma outra alternativa que será apanhar uma camioneta no centro de Ponte de Lima até à casa do Barreiro.

e. Meses de maior afluência

Esta casa possui uma maior afluência nos meses entre julho e setembro.

f. Espaço envolvente

Fica situada perto de locais de grande interesse turístico, como é o caso do Porto, Ponte de Lima, Santiago de Compostela entre outros locais

Também se encontra perto do aeroporto Francisco Sá Carneiro, da estação de comboios e do centro de Ponte de Lima. Tem um hospital e uma farmácia nas redondezas. Para quem procura jogar golfe ou ir até à praia, também é possível, assim como frequentar um restaurante fora da casa onde se encontram alojados.

g. Atividades praticadas

Na Casa do Barreiro existe uma grande variedade de atividades que se pode praticar. Esta casa oferece bicicletas para se poder dar belos passeios tanto pelos jardins da casa e pelas vinhas desta, como pelas redondezas. Possui piscina e um campo de ténis para quem desejar fazer atividades ao ar livre. Há ainda a hipótese, de mediante marcação prévia, se fazer provas de vinhos, visto que há a produção de vinho branco, rosé e tinto. Nesta casa dão muita importância à cultura das vinhas e os seus hóspedes podem assistir à “apanha da uva” e à “pisa a pé” desta.

Fazem atividades ligadas à gastronomia local, através de almoços e jantares típicos.

Os hóspedes podem fazer passeios guiados com jipes, andar a cavalo, fazer passeios pedestres acompanhados, andar de canoa e fazer caminhadas à beira rio.

Esta quinta faz criação de animais, que são para consumo próprio.

No interior da casa também há a possibilidade de atividades de lazer na sua sala de jogos. Existe ainda uma capela onde os mais devotos se podem retirar durante algum tempo.

Nesta quinta, os seus hóspedes, conforme a altura do ano em que vêm, têm a possibilidade de assistir a vários eventos que se realizam nesta casa, durante várias festas religiosas e outras típicas da região, como é o caso da Páscoa, da Vaca das Cordas, das Feiras Novas, das vindimas, Festa da Nossa Senhora da Agonia, Festa do Vinho Verde e da Passagem de Ano.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Os principais visitantes desta casa são os brasileiros, de seguida os espanhóis e os franceses, assim como ingleses e portugueses. Estes visitantes têm um elevado nível cultural e a sua idade varia. Normalmente os jovens ficam alojados em apartamentos e os mais velhos preferem ficar alojados em quartos. Em apartamentos ficam hospedados durante mais tempo, cerca de uma a duas semanas e em quartos durante uma a duas noites. É habitual irem em família constituída por três a quatro pessoas. Estes turistas deslocam-se a esta casa maioritariamente pelo património e pela história e sabem da existência desta casa pela Turihab e pela internet.

2.3.3 – Casa de Crasto¹³⁴



a. História da instituição

Casa do século XVII, pertenceu a Francisco de Mello Pereira, que casou com D. Genebra de Jacome Calheiros, filha do senhor da casa de Calheiros, que acusa o marido de impotência, negando-se a viver com ele. Este dirigiu-se a Calheiros acompanhado, com o intuito de trazer a sua esposa, no entanto foi logo morto com um tiro. A sua cunhada, D. Maria Fagerdas, vendo isto chamou os criados e os Mellos retiraram-se. Houve um grande conflito que foi acalmado com o casamento de Luís de Mello Pereira e de sua cunhada D. Genebra. A Luís de Mello sucedeu, como proprietária da casa, a sua segunda mulher, que, por testamento em 1715, cedeu a casa a João Malheiro Pereira. Este entretanto falece e, sem descendência, passou a casa para o seu primo, que posteriormente passou para a sua filha, D. Sebastiana Augusta. Em 1840, o neto de D. Sebastiana vende a casa a Francisco José Barbosa Perre, que a

¹³⁴ Informação retirada e cedida por:
Proprietário da casa, Francisco de Mello Pereira.

CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 46.

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=29>

<http://www.europetraditions.com/portugal/p/info.html>

http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=c_crasto

destruiu à procura de um tesouro. Em 1917, Miguel Jerónimo Pinto, sem geração, passou a casa para os sobrinhos-netos.

Esta foi recentemente restaurada mas mantendo a sua traça original e pertence atualmente a Francisco de Mello Pereira.

b. Localização geográfica

Esta casa situa-se em lugar de Crasto, freguesia de São João da Ribeira, a 500 metros de Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

Esta casa encontra-se aberta ao público o ano todo.

Tem várias salas para conferências, ver televisão, uma biblioteca para quem gosta de ter um momento de leitura, entre outras atividades de lazer, uma lareira, o que a torna mais acolhedora nos dias mais frios, uma cozinha antiga. Possui vários quartos e um apartamento. O pequeno-almoço está sempre garantido para quem fica alojado nela. As refeições nesta casa são possíveis mediante marcação prévia.

No exterior tem jardins enormes por onde se pode passear e tem ainda uma adega, onde se fazem provas de vinhos.

Esta casa tem ainda parque de estacionamento para os seus hóspedes, caso se desloquem de carro.

Os seus proprietários conseguem facilitar o diálogo com os hóspedes visto falarem várias línguas.

d. Facilidades de acesso

Tendo em conta que este estabelecimento turístico se encontra tão perto de Ponte de Lima, o seu acesso é facilitado com os meios de transporte que esta localidade oferece até à casa, sendo eles camioneta, táxi ou até mesmo andando a pé.

e. Meses de maior afluência

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

f. Espaço envolvente

No espaço que envolve esta casa existe um campo de golfe, para quem desejar praticar este desporto ou apenas apreciar os grandes mestres dele. Ponte de Lima encontra-se a escassos 500 metros da casa e a pouco mais existe um hospital e uma farmácia.

É possível ir desfrutar de uma refeição típica num restaurante existente nas redondezas, assim como nos meses mais quentes é possível os hóspedes deslocarem-se até à praia.

Ao seu redor existem várias casas que praticam o mesmo género de turismo.

g. Atividades praticadas

Nesta casa as atividades que se oferecem aos seus hóspedes são variadas, vão desde atividades no exterior, como é o caso da prova de vinhos para os mais apreciadores, até atividades no interior, como a possibilidade de usufruir da biblioteca da casa.

Os seus hóspedes podem ainda dar passeios pela casa, usufruindo assim do ar puro, da calma e da natureza. Existe ainda nesta casa, sala para conferências que se vão realizando, assim como uma sala para ver televisão, caso seja esse o desejo do visitante.

É possível fazer visitas guiadas pela região e existem atividades ligadas à gastronomia local.

Há ainda outras atividades que se pode praticar nas redondezas, e não propriamente na casa onde se está alojado, sendo elas golfe e pesca.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Os visitantes desta casa vêm sobretudo no verão portugueses e nas épocas baixas vêm estrangeiros. O seu nível cultural é elevado e ficam alojados no mínimo três noites. A idade ronda os 35 e os 50 anos e vêm normalmente famílias ou grupos de amigos e preferem ficar alojados em apartamentos. Este tipo de turista opta por este turismo por ser de caráter mais familiar e por ser diferente do habitual. Usualmente sabem da existência desta casa através de associações, como a Center e a Turihab.

2.3.4 – Casa de Fontão¹³⁵



a. História da Instituição

Esta casa foi restaurada para turismo de habitação e foi moradia de clérigos durante o século XIX.

b. Localização Geográfica

Esta casa apalaçada fica localizada na freguesia de Fontão, em Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

Este estabelecimento turístico é composto por vários quartos. O pequeno-almoço nesta casa é sempre garantido.

É uma casa apalaçada com um portão de acesso com uma cruz em cima, testemunho de habitação clerical do século XIX.

Esta casa possui uma sala de jantar que tem a particularidade de darem acesso ao jardim através de uma porta de vidro. A sala comum possui lareira, o que convida a que se fique mais um pouco e que haja um maior convívio entre os seus visitantes.

¹³⁵ Sem resposta do proprietário. Temos dúvidas se esta não será a Casa do Retiro ou a Casa do Souto, da mesma freguesia de Fontão, identificada por Paiva, Maria Amélia da Silva. Porto: FLUP, Volume 2, p. 183.e187.

Fotografia retirada de:

http://www.solaresdeportugal.pt/PT/popup_foto.php?fotoid=solar_30_foto_1_org.jpg&comprime nto=400&altura=300&casaid=30&numero=1&foto_casa=1&tipo=2

Informação retirada de:

CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 42.

www.solaresdeportugal.pt

<http://www.europetraditions.com/portugal/p/032.html>

http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=c_fontao

Os hóspedes poderão dar passeios a pé pelos jardins usufruindo da natureza, frequentar a piscina e ainda fazer prova de vinho.

Os seus proprietários sabem falar inglês e francês, o que ajuda no diálogo e na troca de experiências com quem se encontra ali alojado.

d. Facilidades de acesso

Visto que esta casa se encontra a alguns quilómetros de Ponte de Lima, o seu acesso será facilitado por quem tem viatura própria, sendo que do centro de Ponte de Lima é sempre possível apanhar uma camioneta ou até mesmo um táxi. Quem viaja de avião e aterra no aeroporto Francisco Sá Carneiro, terá de apanhar um meio de transporte até Ponte de Lima ou até Viana do Castelo e depois terá de apanhar outro meio de transporte até à casa onde ficará alojado.

e. Meses de Maior Afluência

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

f. Espaço Envolvente

Esta casa tem na sua área envolvente um campo de golfe para os amantes desta prática desportiva, assim como a praia e um restaurante onde poderão apreciar a típica gastronomia minhota. Possui ainda um hospital e uma farmácia, assim como várias localidades de interesse turístico. Existe também um casino e a marina, embora um pouco mais distantes mas que serão ótimos programas para se conhecer a região melhor.

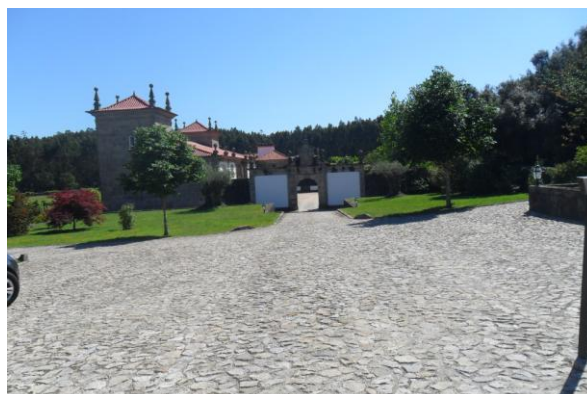
g. Atividades Praticadas

Na casa é possível dar passeios a pé pelos jardins, frequentar a piscina e fazer provas de vinho. Nas redondezas da casa é possível ir até à praia fluvial e praticar golfe. Também existe a possibilidade de se poder alugar bicicletas e dar passeios, conhecendo assim a localidade e estando sempre em contacto com a natureza.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

2.3.5 – Casa da Lage¹³⁶



a. História da Instituição

Esta casa é de finais do século XVII e foi sofrendo várias mudanças. Existia inicialmente um núcleo primitivo, que segundo a tradição remonta ao reinado de D. Sancho I.

Jerónimo de Sousa Machado ampliou o núcleo primitivo e acrescentou-lhe uma torre, chamada hoje de torre velha e edificou a capela. O seu filho é o principal responsável pela construção da “torre nova” e a ele se devem também os bonitos tetos em talha dos salões da casa. O neto de Jerónimo de Sousa Machado ampliou a capela e encostou-a à casa.

Mais tarde, devido a um casamento entre, no século XVIII D. Guiomar Luísa de Sousa Machado, administradora da Casa da Lage casou com o senhor da Casa da Barrosa. No final do século XIX por falta de geração do lado da Família Sousa Machado, as duas casas passaram para a família do Visconde da Barrosa.

Hoje em dia a Casa da Lage é propriedade dos herdeiros de seu neto, Engenheiro Técnico Agrícola José Adolfo da Costa Azevedo, que foi quem

¹³⁶ Sem resposta do proprietário ao inquérito enviado. Informação recolhida de: CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 20.

<http://www.casa-da-lage.com/>

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=31>

mais se preocupou com o seu restauro e com a demolição de um acrescento, aumento e embelezando a fachada da casa. Devido a esta demolição a localização da capela foi mudada, sem que a sua estrutura fosse alterada e aproveitou-se para fazer sepulturas no chão da capela, que anteriormente não existiam ¹³⁷.

b. Localização Geográfica

Esta casa fica situada no lugar de Lage, freguesia de Arcos, concelho de Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

Esta casa dos séculos XVII/XVIII, encontra-se situada numa propriedade agrícola. Possui dez quartos totalmente equipados, tem ainda várias salas com bonitos tetos em talha, e uma exposição de fatos regionais. Os seus hóspedes não têm direito a pequeno-almoço, no entanto podem usufruir da cozinha e as refeições só são servidas mediante solicitação do hóspede. A comodidade dos hóspedes não é esquecida e portanto, há a possibilidade de ser ligado o aquecimento central e o aquecimento da piscina.

Há ainda uma capela, um bar e um salão de jogos. Os seus hóspedes têm a oportunidade de poder jogar ténis de usufruir da piscina interna e dar grandes passeios pedestres pela quinta. É possível ainda assistir ou participar nas vindimas e há ainda a possibilidade de se fazer provas de vinhos.

Esta casa oferece aos seus hóspedes um parque de estacionamento, onde podem colocar os seus veículos. Os seus proprietários falam três línguas diferentes, espanhol, inglês e francês.

d. Facilidades de acesso

Esta casa situa-se a aproximadamente dez quilómetros do centro de Ponte de Lima. Para nos dirigirmos até lá e já estando no Centro da cidade, será

¹³⁷Em Vias de Classificação (Homologado como IIP - Despacho de homologação de 3-02-2005 da Ministra da Cultura) vide Património Imóvel disponível em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71409/>, consultado a 20 setembro 2012.

necessário, para quem não tem transporte privado, utilizar uma camioneta ou um táxi existentes no centro de Ponte de Lima.

e. Meses de Maior Afluência

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

f. Espaço Envolvente

Esta casa em termos de espaço envolvente para as pessoas se distraírem está muito bem situada. Fica junto ao Parque Biológico da Lagoa de Bertandos, onde se pode passear e a pouco mais de 3 quilómetros podemos ir à praia fluvial do Rio Lima. Na zona envolvente da casa existe ainda uma praia um pouco mais distante e um campo de golfe, onde quem gosta pode passar belas tardes rodeado pela natureza. É possível ainda, fazer um passeio diferente a cavalo. Existe ainda várias casas com a mesma prática turística e o centro de Ponte de Lima fica a poucos quilómetros desta casa.

Tal como outras casas que já vimos anteriormente, esta também se situa perto do hospital e de uma farmácia.

g. Atividades Praticadas

Existem muitas atividade que se pode praticar neta casa, como dar passeios a pé pelos jardins ou jogar ténis. No interior da casa existe um salão de jogos, onde também se pode conviver com outros hóspedes e jogar bilhar, assim como existe uma sala de conferências que é utilizada quando solicitada. É ainda possível utilizar a piscina interior e pedir para a aquecer, caso seja necessário.

Nas redondezas da casa pode-se pescar e até caçar. Ir visitar o Parque Biológico da Lagoa de Bertandos, ir à praia ou até à praia fluvial do Rio Lima, são outras atividades que se poderá fazer, assim como ir visitar Ponte de Lima, que tem uma marcada componente histórica.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

2.3.6 - Casa do Outeiro¹³⁸



a. História da Instituição

É uma casa do século XVII/XVIII e é considerada a primeira casa em Portugal a abrir as portas ao turismo e está nas mãos da mesma família há mais de quatro séculos.

É a antiga casa senhorial de uma propriedade agrícola.

No século XVI existiam no mesmo local duas quintas com o mesmo nome. O casamento de António Alvares Maciel e D. Ana Pinto Correia, em 1634 uniu as duas quintas. Deste casamento nasceu D. Maria Josefa Vieira Pinto Maciel que foi a primeira administradora da casa e casou com o seu parente Gaspar de Abreu de Lima Teles de Meneses. Este novo vínculo veio até aos dias de hoje sem haver modificações.

A casa foi reedificada em 1723 e em 1787 acrescentou-se a varanda principal e o portão nobre. A atual capela foi construída para substituir outra, no entanto não foi acabada.

No século XIX esta casa constituía uma das maiores casas senhoriais do Norte do país.

¹³⁸ Sem resposta do proprietário ao inquérito enviado. Informação retirada de: CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 23.

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=32>

http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=c_outeiro

No ano de 1809, a casa foi saqueada pelas tropas do General Soult, que comandou a 2ª invasão francesa e hospedaram-se aí durante a passagem pelo Lima. Esta casa sofreu um novo golpe durante as perseguições movidas pelas tropas constitucionais.

Está na mesma família há muito tempo e o seu atual proprietário é o Doutor João de Abreu de Lima e a sua esposa¹³⁹.

b. Localização Geográfica

Esta casa fica situada no lugar do Outeiro, freguesia de Santa Martinha de Arcozelo, do concelho de Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

Esta casa é constituída por três quartos e o pequeno-almoço é servido aos seus hóspedes. A cozinha desta casa tem uma particularidade, as suas portas abrem para o exterior, para uma varanda em madeira onde se pode desfrutar de uma calma inigualáveis. É uma casa em granito e pertencia a uma propriedade agrícola, sendo que as suas dependências foram transformadas também em alojamento.

O edifício principal tem três quartos, duas salas e uma cozinha com lareira que liga a uma galeria onde são servidos os pequenos-almoços. As refeições nesta casa são servidas mediante reserva prévia. Este edifício é rodeado por um jardim.

Junto a este edifício, existe outro mais pequeno que foi transformado num apartamento.

Esta casa tem ainda uma biblioteca e uma capela.

No exterior da casa existe um jardim e uma piscina, um campo de basquetebol e os vestígios do antigo aqueduto que abasteciam a casa. Esta casa possui um parque de estacionamento para os seus hóspedes poderem colocar lá os carros.

¹³⁹ Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 1/86, DR, I Série, n.º 2, de 3-01-198. Vide <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71409/>, consultado a 20 setembro 2012.

Os proprietários deste estabelecimento turístico têm a facilidade de saber falar espanhol, francês e inglês.

d. Facilidades de acesso

Esta casa tem facilidades de acesso, visto que se situa a escassos quilómetros do centro de Ponte de Lima, podendo chegar à casa, de camioneta ou táxi, apanhando-os no centro de Ponte de Lima ou até a pé, visto que a distância até à casa é curta.

e. Meses de Maior Afluência

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

f. Espaço Envolvente

Esta casa está rodeada de várias atrações, desde locais de interesse histórico, como é o caso do centro de Ponte de Lima. Está ainda perto de um hospital e de uma farmácia, para um caso de necessidade e tem um restaurante a poucos metros da casa. Existe ainda uma praia a alguns quilómetros e um campo de golfe nas redondezas do qual se pode usufruir caso se queira apreciar e contemplar a natureza ou jogar uma partida de golfe.

g. Atividades Praticadas

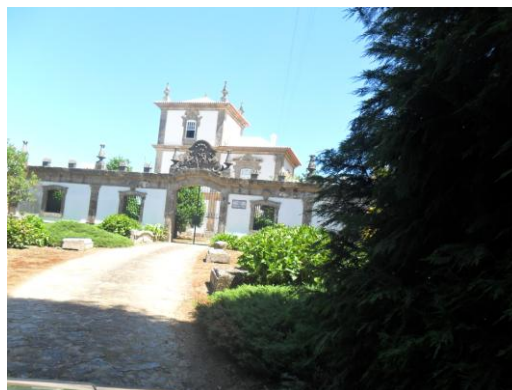
Nesta casa pode-se praticar várias atividades, que nos a momentos de lazer onde o tempo é muito bem passado. Podemos passar um pouco do nosso tempo na biblioteca da casa, lendo um pouco ou podemos ir refletir até à capela.

No exterior da casa é possível dar passeios a pé e usufruir da piscina nos dias de maior calor. Nas redondezas da casa é possível jogar golfe ou ir até à praia.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

2.3.7 - Casa das Torres¹⁴⁰



a. História da Instituição

A Casa das Torres foi mandada construir em 1751 por Duarte Pereira da Silva e a sua construção terminou em 1755.

O seu corpo central é constituído por portadas e varandas com o parapeito de ferro forjado. Nas extremidades da casa existem duas torres.

O brasileiro André Pereira da Silva mandou construir esta casa em meados do século XVIII. Este “brasileiro” fez uma escritura de contrato e obrigação com o mestre pedreiro Pedro Gonçalves de Carvalho para a construção da casa na sua Quinta no Lugar de Arribão. Depois fez outra escritura com este mesmo pedreiro para acrescentar uma varanda, uma escada, uma cozinha, uma sala e uma loja à casa. Pediu-lhe ainda para abastecer esta casa.

No ano de 1753, André Pereira da Silva casou com D. Josefa Quitéria Barbosa de Miranda, que mais tarde faleceu e a sua mãe, sogra de André Pereira da Silva habilitou-se a metade dos bens.

Entretanto André P. da Silva contrai dividas e começam a ser vendidos os seus bens e a casa vai ser vendida a praça em 1770. Em hasta pública, Duarte Rite

¹⁴⁰ Sem resposta do proprietário ao inquérito enviado. Informação retirada de:
<http://www.casastorres.com/>

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=33>

http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=c_torres

comprou a casa. Este era casado com a sua sobrinha-neta e deste casamento houve vários filhos, no entanto apenas um teve descendência, Pedro José Rite que se casou com D. Teresa Angélica Leite e com este casamento houve a ligação da casa à família Abreu Leite. Os dois filhos deste casamento herdaram a casa e a quinta. A filha mais tarde faleceu e o filho, Francisco de Melo Barreto, depois da morte da irmã ficou à frente da casa e deixou uma filha, D. Júlia Clementina Pereira de Melo que casou mas não teve filhos. A casa ficou com a sua sobrinha e afilhada.

O atual proprietário de nome Manuel Novais Correia Malheiro dedicou-se à fruticultura e viticultura, abrindo as portas ao turismo de habitação em 1982. É considerada “um dos mais belos palacetes da Ribeira-Lima”¹⁴¹.

b. Localização Geográfica

Esta casa localiza-se no lugar de Arribão, freguesia da Facha, no concelho de Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

A entrada da casa tem um pátio com uma varanda e escadas em pedra. Esta casa é constituída por três quartos, equipados com casa de banho e aquecimento central que se encontram na casa principal e por dois apartamentos que estão nos anexos e estão equipados com cozinha.

A casa tem sala de jogos com bilhar, sala de estar com televisão e onde se pode conversar e a sala de pequenos-almoços. Existe ainda um bar e pode-se fazer provas de vinho.

No seu exterior, a casa possui uma piscina e jardins pelos quais se podem fazer passeios pedestres. A casa é constituída por pomares e vinhas, sendo o famoso vinho verde branco Loureiro feito nesta Propriedade.

Os seus proprietários falam alemão, espanhol, inglês e francês.

¹⁴¹ BAPTISTA, António, J. – *Casa das Torres*. Ponte de Lima: Boletim Paroquial, 1989, p. 44.

d. Facilidades de acesso

Esta casa fica situada relativamente perto do centro de Ponte de Lima, a mil metros de um terminal de autocarros, sendo assim esta casa é de fácil aceso. Chegando ao terminal de autocarros, apanhando um táxi ou até a pé se chega à Casa das Torres.

e. Meses de Maior Afluência

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

f. Espaço Envolvente

Esta casa está muito perto do centro de Ponte de Lima e este sítio é de grande interesse tanto histórico como gastronómico para os turistas.

Fica perto de várias cidades circundantes de Ponte de Lima. Tem transportes lá perto, o que se torna uma mais-valia e tem um hospital e uma farmácia também próximo.

Existem várias casas com a mesma prática turística, assim como um campo de golfe e uma praia natural.

Existe ainda uma praia fluvial do Rio Lima e um restaurante.

g. Atividades Praticadas

Nesta casa existem muitas atividades que se podem praticar, assim como nas redondezas também existem. Os seus hóspedes podem usufruir da piscina e do sol, podem fazer longos passeios a pé pelos jardins da casa, pelos pomares e pela zona. Pode existir provas de vinhos para quem gostar e existe uma sala de jogo onde se pode jogar bilhar.

No exterior da casa há a possibilidade de jogar golfe e de ir até à praia.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Não obtivemos uma resposta conclusiva.

2.3.8 – Casa da Várzea¹⁴²



a. História da Instituição

A atual construção assenta na primitiva casa medieval. É uma casa do século XVII e iniciou a sua prática turística em 1991.

Esta casa é muito antiga e foi alterada na segunda metade do século XVIII por Caetano José da Gama Araújo e Azevedo. No entanto estas obras não foram acabadas, nomeadamente a escadaria do exterior. Recentemente, o edifício foi ampliado para sul, prejudicando a antiga cozinha e construção de uma varanda que estava prevista mas que nunca foi construída.

A casa é constituída por três partes: o edifício composto por duas fachadas mal expostas (Norte e Nascente); um edifício justaposto a Sul; um corpo acrescido para Sul e Poente. Esta casa encontra-se inserida numa propriedade agrícola.

b. Localização Geográfica

Este estabelecimento turístico encontra-se situado na freguesia de Beiral no concelho de Ponte de Lima.

¹⁴² Informação retirada e cedida por:
Proprietário da casa, Inácio Barreto Caldas da Costa.

CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 48.

<http://www.casadavarzea.eu/>

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/solar.php?casaid=34>

http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=c_varzea

c. Alojamento e condições oferecidas

A casa é constituída por seis quartos e por três salas, uma de refeições, uma de jogos e uma com lareira. Os pequenos-almoços são sempre servidos e as refeições não são servidas, existe um acordo com um Restaurante local. Os tetos das suas amplas salas são de masseira e comunicam entre si. A casa tem um bar onde se podem fazer provas de vinho e uma biblioteca à disposição de quem lá fica alojado. A comodidade de quem lá está não é esquecida e assim nos dias frios, existe aquecimento central que torna a casa mais acolhedora.

Esta casa possui duas fachadas. No piso térreo fica o lagar, a adega e outras arrecadações agrícolas. Existe um edifício ao lado mais antigo, também de dois pisos. Existe ainda um corpo acrescido com um só piso.

No seu exterior existem jardins, uma piscina e vinhas por onde se pode dar longos passeios pedestres.

Esta casa oferece a possibilidade de parque de estacionamento.

Os seus proprietários falam espanhol, inglês e francês.

d. Facilidades de acesso

Esta casa encontra-se situada a alguns quilómetros do centro de Ponte de Lima e por isso será necessário apanhar um meio de transporte, como uma camioneta ou um táxi, para quem não possui viatura própria. Já estando no centro de Ponte de Lima, é fácil apanhar um transporte que nos leve até à Casa da Várzea.

e. Meses de Maior Afluência

Os meses de maior afluência são os meses de verão que vão de junho a setembro.

f. Espaço Envolvente

Esta casa no seu espaço envolvente tem uma praia fluvial e fica perto de Ponte de Lima. Possui um campo de golfe lá perto, assim como um centro hípico e o Parque Natural do Geres. A casa fica perto de outras cidades de cariz turístico

importantes. Tem lá perto ainda um hospital e uma farmácia. É rodeada de várias casas que praticam o mesmo tipo de turismo.

g. Atividades Praticadas

Esta casa dá aos seus hóspedes um variado leque de atividades. É possível a estes turistas passearem pelos jardins da casa, andarem de bicicleta e fazerem provas de vinho produzido nesta casa.

É ainda possível usufruir da piscina. No interior desta existe uma sala de jogos com atividades e jogos lúdicos para crianças e adultos e uma sala com televisão, onde se pode passar um belo serão na companhia dos donos da casa, da própria família ou até na companhia de outros hóspedes. Existe ainda uma biblioteca, onde se pode ler várias obras.

Nos arredores da casa existe uma praia, um campo de golfe e um centro hípico, onde se pode ter aulas de equitação e conviver com os cavalos.

O Parque Natural do Gerês, também fica perto desta casa. Pode-se usufruir, ainda, da praia fluvial do Rio Lima nos dias mais quentes.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

A grande maioria dos hóspedes que se deslocam a esta casa são espanhóis, ficam normalmente alojados, em média, dois dias e o seu nível cultural é elevado. A idade dos turistas ronda entre os 50 e os 60 anos e habitualmente são casais. Sabem normalmente desta casa pela publicidade que está disponível, e ficam alojados nesta casa por ser um tipo de turismo diferente.

2.3.9 - Paço de Calheiros¹⁴³



a. História da instituição

Este solar situa-se na Quinta do Paço, que antigamente era chamada de Quinta do Pinheiro, uma casa setecentista. É rodeado de jardins classificados, e a sua família está aqui instalada desde o século XIV.

Não existem registos da construção da inicial torre medieval. A honra de Calheiros foi confirmada por D. Afonso IV, em Santarém a favor de Martim Martins Calheiros, a 5 de Fevereiro de 1336. Esta honra fora-lhe dada por El-Rei D. Dinis. Mais tarde, D. Sebastião por sentença de 12 de Novembro de 1566, retificou os direitos daquela honra a favor de Diogo Lopes de Calheiros, o autor do Memorial de Calheiros.

Esta casa sofreu uma reedificação em 1450, altura em que foi desfeita a torre e, aproveitando essa pedra, foi construída a parte esquerda do atual solar. No final do século XVII e inícios do século XVIII, foi acrescentado ao edifício o lado direito, que vai da capela à frontaria sobre o vale, e é ladeado por duas torres.

¹⁴³ Fotografia retirada de:

http://www.solaresdeportugal.pt/PT/popup_foto.php?fotoid=solar_35_foto_1_org.jpg&comprimeto=400&altura=300&casaid=35&numero=1&foto_casa=1&tipo=2

Informação retirada de:

CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, P. 23 - 24.

<http://www.pacodecalheiros.com/PT/contactos.htm>

www.solaresdeportugal.pt

<http://www.maisturismo.pt/4/1644.html>

http://www.portimar.pt/hotel.php?lang=pt&rg=cverde&cid=plima&file=paco_calheiros

Nesta casa vê-se ao fundo um portal com uma lápide datada de 1450, com legenda em gótico que diz:

D´esta Antiga e Nobre Casa

Proced´os Calheiros:

Fidalgos: D´Solar

Por cima desta inscrição encontra-se uma pedra de armas, que data do ano de 1533, ano em que deveria ter sido esculpido o brasão e que ostenta o apelido de Calheiros.

Esta casa sempre pertenceu à mesma família desde 1450, à família de Calheiros, sendo que o atual representante desta casa se chama Francisco Silva de Calheiros e Menezes¹⁴⁴.

b. Localização geográfica

Fica situado no lugar de Calheiros, freguesia de Santa Eufémia de Calheiros, concelho de Ponte de Lima.

c. Alojamento e condições oferecidas

Este estabelecimento turístico é constituído por nove quartos e por seis apartamentos e encontra-se aberto ao público durante todo o ano. Existe ainda um cottage¹⁴⁵ com três quartos. Todos os quartos desta casa são tipo suite.

Dispõe de uma sala de jantar e uma sala de estar com lareira, o que a torna mais acolhedora para quem frequenta esta casa. Existe ainda um salão para festas e reuniões, onde são feitos alguns seminários. Nos apartamentos existe outra sala de estar e na cottage também. Há uma sala onde são servidos os pequenos-almoços e as refeições, refeições estas que podem ser apenas o almoço ou o jantar, podem ser acompanhadas pelo rancho folclórico de Calheiros. Há serviço de bar sempre disponível.

Podem ainda usufruir da biblioteca onde se podem consultar as mais diversas obras. Existe aquecimento central, o que dá um maior conforto a quem escolhe

¹⁴⁴ O Paço de Calheiros é considerado Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-Lei nº 129/77, de 29 de Setembro de 1977. Vide IGESPAR, disponível em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72733/>, consultado a 20setembro 2012.

¹⁴⁵ Pequena casa em anexo.

esta casa para passar uns dias. No interior da casa estão espalhados pelas paredes retratos de família e nos tetos existem lustres de lágrimas. A casa está decorada com tapeçarias, livros, loiças, pratos e cristais antigos. Os seus proprietários têm a facilidade de falar três idiomas, como inglês, francês e espanhol, o que ajuda no diálogo entre os hóspedes e os seus proprietários.

Os seus hóspedes têm ainda a possibilidade de caçar ou andar a cavalo, (existem três cavalos nesta casa) e de pescar. Esta casa possui ainda uma piscina onde os seus hóspedes podem relaxar nos dias quentes, um campo de ténis, uma capela, existem jardins por onde se podem dar passeios e vinhas que servem para disfrutar da calma da natureza. No seu exterior, esta casa oferece uma paisagem muito bonita com um chafariz e uma escadaria exterior que são mais motivos que levam a que se visite esta casa e que se queira dar passeios pelos seus jardins. Nesta casa existem ainda provas de vinho que é fabricado neste estabelecimento, assim como uma adega, mata, horta e duas lagoas. O Paço de Calheiros possui ainda um parque de estacionamento.

Neste momento está em desenvolvimento um projeto que procura oferecer mais atividades e comodidade aos seus hóspedes, nomeadamente a oferta de *spa*.

d. Facilidades de acesso

O Paço de Calheiros encontra-se relativamente perto do aeroporto Francisco Sá Carneiro, de uma estação de comboios e do centro de Ponte de Lima. No entanto, para os hóspedes se dirigirem para esta casa é necessário apanhar um meio de transporte de qualquer um destes locais, quer seja uma camioneta ou um táxi, sendo que o terminal de autocarros fica a poucos metros da casa.

e. Meses de maior afluência

Os meses de maior afluência de procura neste estabelecimento turístico são de Maio a Setembro, com especial importância para os meses de Julho e Agosto.

f. Espaço envolvente

No seu espaço envolvente e afastando-se um pouco da área da casa, é possível andar a cavalo, caçar e pescar. É ainda possível a prática de golfe

para os grandes amantes deste desporto. Esta casa fica perto de várias instituições como é o caso de um hospital e de uma farmácia para um caso de necessidade. Existe um restaurante bem perto desta casa, para quando os seus hóspedes desejarem sair um pouco para visitar a região, existe um casino para quem se desloca de carro, visto que ainda fica um pouco distante. Há ainda uma praia e a marina a alguns quilómetros para quem prefere e gosta da calma do mar.

g. Atividades praticadas

Nesta casa existem várias atividades que se podem praticar como é o caso de jogar ténis, caçar, pescar e andar a cavalo. É possível fazer passeios pedestres pelos vários jardins e fazer provas de vinho para os amantes e apreciadores do vinho do Douro.

h. Caracterização e Motivação dos seus visitantes

Cerca de 80% dos seus hóspedes são turistas e provêm de países como Espanha, França, Holanda, Grã-Bretanha, Bélgica, Itália, Dinamarca, Estados Unidos, Brasil, Canadá e Austrália.

Normalmente, os hóspedes portugueses ficam uma noite e os estrangeiros ficam duas, exceto nos meses de verão em que a estadia é mais longa, sendo o mínimo de tempo que ficam hospedados uma semana.

A média de idades é de 55 anos e normalmente são famílias, sobretudo no verão, constituídas por quatro elementos. Os hóspedes vão principalmente para descansar, desfrutar da beleza da casa e do espaço envolvente.

Esta casa foi a primeira casa de Turismo de Habitação a abrir, no ano de 1985, e o seu proprietário foi o fundador dos Solares de Portugal, do qual é Presidente.

Geralmente os turistas sabem da existência desta casa porque já conhecem a casa de longa data, através de conhecimentos de amigos, através da *internet*, de publicações impressas ou de programas televisivos.

2.4 O perfil das Casas Antigas

No concelho de Ponte de Lima existem nove casas, que segundo a TURIHAB são denominadas de “Casas Antigas”.

Estas casas encontram-se espalhadas por várias freguesias deste concelho, tal como podemos observar no seguinte mapa, sendo que umas se encontram mais perto do centro de Ponte de Lima e outras mais distantes. Não existe uma relação concreta entre as casas, estando estas mais ou menos distantes umas das outras.

Mapa da Região de Ponte de Lima e Casas Antigas



A – Casa de Anquião

B – Casa do Barreiro

C – Casa de Crasto

D – Casa de Fontão

E – Casa da Lage

F – Casa do Outeiro

G – Casa da Várzea

H – Casa das Torres

I – Paço de Calheiros

Elaboração Própria através de <http://portugal.veraki.pt>

Podemos agrupar as Casas Antigas descritas de acordo com a sua situação geográfica. A norte do Rio Lima temos quatro casas. Encontra-se assim o Paço de Calheiros, na freguesia de Calheiros, a Casa de Outeiro, na freguesia de Arcozelo, a Casa da Lage em Arcos (S. Pedro) e a Casa de Fontão na freguesia de Fontão.

A sul do Rio Lima, cinco Casas Antigas. Podemos encontrar a Casa de Crasto em São João da Ribeira, a Casa do Barreiro na Gemieira, a Casa da Várzea na freguesia de Beiral, a Casa de Anquião, fica situada na freguesia de Fornelos e a Casa das Torres na freguesia da Facha.

Todas estas casas ficam relativamente próximas do centro de Ponte de Lima, sendo que a Casa de Crasto e a Casa do Outeiro ficam situadas em freguesias vizinhas a esta.

As Casas Antigas, como já vimos anteriormente, são casas com alguma história, são casas pertencentes à mesma família há algumas décadas e foram sofrendo alterações com o tempo. Estas casas têm um edifício principal e em algumas delas foram acrescentados edifícios anexos que neste momento também são usados para a prática turística.

Ficar alojado nestas casas é “conviver com um património rico em história e cultura e com uma secular tradição que os donos das casas partilham com os seus hóspedes, de modo cortês e simples”¹⁴⁶.

Neste momento são casas que oferecem algum conforto a quem lá decide ficar hospedado. É necessário que os turistas se sintam em casa, se sintam confortáveis e em contacto com a história que pertence a estas casas. Por isso, a pensar no conforto dos seus hóspedes, alguns empreendimentos turísticos têm aquecimento central.

As Casas Antigas oferecem inúmeras atividades aos seus hóspedes, desde atividades ao ar livre, até atividades solitárias ou com companhia no interior da casa.

Todas as casas possuem belos jardins, pelos quais se podem dar variados passeios e assim fugir um pouco da vida agitada da cidade.

¹⁴⁶ CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*, p. 64.

A maioria das Casas Antigas possui piscina, sendo que a Casa de Crasto é a única que não tem e a piscina da Casa da Lage é interior, e oferecem a possibilidade de ser aquecida. O conforto do hóspede é sempre tido como principal objetivo a ser considerado.

Com exceção da Casa de Anquião e da Casa de Outeiro, todos os estabelecimentos turísticos têm vinhas, dão a possibilidade de se fazer provas de vinhos e algumas ainda oferecem a oportunidade de se participar na elaboração do próprio vinho. O turismo e a viticultura em conjunto conseguem o desenvolvimento e dinamização dos espaços rurais de forma inovadora.¹⁴⁷.

Grande parte das casas possui ainda uma capela, que dá a oportunidade aos mais crentes de se refugiarem um pouco e refletirem na sua vida.

Dentro das atividades que são mais constantes nas casas que estamos a estudar, algumas não estão presentes em todos os estabelecimentos turísticos, como é o caso da prática de ténis, de basquete, golfe e de jacuzzi. Algumas destas casas possuem ainda uma sala de conferências e de festas, sala de jogos, sala para ver televisão, uma biblioteca e um bar onde se pode fazer provas de vinhos. Existem ainda outras atividades que existem em poucas casas como atividades agrícolas e animais criados na própria quinta.

A maioria das casas fornecem pequeno-almoço, outras casas permite aos seus hóspedes o usufruto da cozinha.

Estas Casas Antigas oferecem ainda a possibilidade aos seus hóspedes de estacionarem o carro no parque de estacionamento privativo da própria casa.

¹⁴⁷ INÁCIO, Ana Isabel - O Enoturismo: da tradição à inovação, uma forma de desenvolvimento rural. In *Actas do III Congresso de Estudos Rurais*. Faro: Universidade do Algarve, 2008, p. 1.

O seguinte quadro ajuda a perceber melhor o que cada casa pode oferecer a nível de atividades e de conforto aos seus hóspedes.

Tabela 4 - Atividades, salas e nível de conforto oferecido aos seus hóspedes nas Casas Antigas

Casas Antigas	Casa de Anquião	Casa do Barreiro	Casas de Crasto	Casa de Fontão	Casa da Lage	Casa de Outeiro	Casa das Torres	Casa da Várzea	Paço de Calheiros
Atividades									
Adega		X						X	X
Animais na Quinta		X							X
Aquecimento Central								X	X
Bar		X			X		X	X	
Biblioteca			X			X		X	X
Campo de Basquete						X			
Capela	X	X			X	X			X
Cozinha			X		X	X	X		
Golfe	X	X							
Jacuzzi	X								
Lagar								X	
Parque de Estacionamento	X		X		X	X		X	X
Passeios de Bicicleta		X							
Passeios de Jipe		X							

Passeios pelos Jardins	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Pequeno-almoço	X		X			X			X
Piscina	X	X		X		X	X	X	X
Piscina Interna					X				
Atividades Agrícolas							X	X	
Prova de Vinhos		X	X	X	X		X	X	X
Sala de Conferências/Festas		X	X		X				X
Sala de Jogos	X	X			X		X	X	
Sala de TV									
Serviço de Refeições (mediante marcação)		X	X		X	X			X
Ténis	X	X			X				

Elaboração própria através dos sites das próprias casas antigas e de informação recolhida no local

Nas redondezas das casas, as atividades que se podem praticar são semelhantes. Há a possibilidade de andar a cavalo, pois existe um centro hípico em Ponte de Lima. Para os mais radicais, existe uma pista de kartings e pode-se fazer canoagem.

Para os amantes do Golfe, existe um campo nas redondezas de Ponte de Lima, assim como, no mesmo complexo, existe um Health Club que possui piscina interior aquecida, banho turco, jacuzzi, ginásio e onde se pode também fazer massagens.

Existe ainda uma praia fluvial, construída recentemente. Na proximidade destas casas, existe a possibilidade de se caçar e pescar.

É importante a realização e a promoção de eventos, ajudando assim a que esta localidade tenha mais visibilidade no exterior, atraindo mais turistas. A promoção e a oferta local são fatores muito importantes.

É essencial para o turista a questão da acessibilidade, em termos de transporte existente, não só para a casa mas também para outros locais de interesse, assim como a informação cedida para a visita desses locais e da região.

No que respeita ao tipo de turista que pratica este tipo de turismo, são pessoas com idades compreendidas entre os 31 e os 45 anos¹⁴⁸ ou entre os 40 e os 60 anos de idade¹⁴⁹. São pessoas de elevado nível socioeconómico e de classe média alta¹⁵⁰. Normalmente são famílias com filhos.

Estes turistas pretendem encontrar no campo o que não encontram na cidade, a calma e a paz da natureza existente no campo.

A maioria destes turistas provém de Inglaterra, de Espanha, da América, alguns nacionais. Segundo dados retirados do INE¹⁵¹, os estrangeiros são principalmente espanhóis, oriundos do Reino Unido, da Alemanha e de França.

¹⁴⁸ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*, Centro de Estudos de Antropologia Social: Número 11, 2007, p. 144.

¹⁴⁹ MENEZES, Maria do Rosário Calheiros - *Turismo no Minho: Uma abordagem de Rede*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009, p. 67.

¹⁵⁰ Idem, Ibidem, p. 67.

¹⁵¹ INE – Instituto Nacional de Estatística

É-nos relatado em “Turismo do Minho: uma abordagem de rede”¹⁵², que o mercado Sul-Africano e Asiático, são futuros clientes. Os clientes deste tipo de turismo provêm de grandes centros do país e do estrangeiro.

Os turistas nacionais são ainda a maioria, pernoitam nestas casas entre 2 a 4 noites e os estrangeiros ficam hospedados entre 1 a 2 semanas.

Estes turistas deslocam-se a Ponte de Lima por vários fatores, como o património histórico, a paisagem e as tradições. No entanto, há outras motivações, como passear e conhecer a região e a gastronomia local, por se ter feito várias amizades com os proprietários das casas e para visitar cidades vizinhas.¹⁵³

A maneira de “bem-receber” continua a ser um fator fundamental e que atrai turistas. “A hospitalidade é considerada um fator diferenciador.”¹⁵⁴ Segundo o que escreve Luís Silva, como se escreveu na introdução, existem duas categorias motivacionais que levam os turistas a viajar. Os Push Factors¹⁵⁵ que despertam nos turistas o impulso de viajar e os Pull Factors¹⁵⁶ que têm a ver com as atrações ou atributos dos destinos. Segundo Dann, citado por Luís Silva, os turistas que fazem este tipo de turismo, chamam-se de tourist angst¹⁵⁷, pois, quando estão de férias gostam de se distanciar da sua origem e fazer prospeções.

Num estudo efetuado por Kastenholtz, no Minho, Douro e Trás-os-Montes, este designa os turistas de acordo com o seu perfil motivacional. Assim sendo, existem os entusiastas rurais calmos¹⁵⁸, que são turistas idosos, com um elevado capital social e económico. Têm ainda um vasto nível cultural e vêm a

¹⁵² MENEZES, Maria do Rosário Calheiros - *Turismo no Minho: Uma abordagem de Rede*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009.

¹⁵³ SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Vol. 5. Número 2, p. 36.

¹⁵⁴ Relatório de Sustentabilidade do Turismo de Portugal – *Atuar para o desenvolvimento Sustentável*. Turismo de Portugal, I.P., p. 51.

¹⁵⁵ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*, p. 145.

¹⁵⁶ Idem, Ibidem, p. 145.

¹⁵⁷ Idem, Ibidem, p. 156.

¹⁵⁸ Idem, Ibidem, p. 158.

ruralidade com um ar de romantismo. Este género de turista gosta do património cultural, do ambiente e da calma que a natureza transmite, assim como da integração num estilo de vida típico da vida no campo. Existem os turistas que Kastenholz denomina de entusiastas rurais ativos¹⁵⁹, que são mais jovens, têm uma motivação semelhante à dos entusiastas rurais, no entanto interessam-se mais por atividades desportivas e de convívio. Os puristas¹⁶⁰, são outro género de turista que Kastenholz perfilou. São estrangeiros, que gostam do contacto com a natureza mas não se preocupam com infraestruturas turísticas, nem com a cultura. Finalmente, Kastenholz designou os turistas urbanos¹⁶¹, que são jovens que não valorizam o campo, nem o contacto com a natureza. Estes turistas apenas procuram divertimento e atrações que normalmente no campo são difíceis de encontrar. As Casas estudadas parecem ser interessantes sobretudo para os “calmos” e os “urbanos”. Estes turistas não se consideram turistas, pois não praticam o turismo de massas e convencional.¹⁶² Muitos não recomendam certos locais, para que estes não sejam destruídos, contribuindo para o vincar de uma certa diferenciação social.

Os proprietários das casas, através da internet e de sites que nos são facultados, dão uma ideia de paraíso no campo. Estas áreas são promovidas através de familiares, amigos ou até através da informação cedida pela internet. Os familiares e amigos, guias turísticos, internet e visitas anteriores, deverão ser áreas de intervenção para promover a região a estes visitantes.¹⁶³

Estas casas parecem autênticas casas onde se pode relaxar e usufruir de uma calma que na cidade não se consegue ter, no entanto também nos dão a

¹⁵⁹ SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*, p. 158.

¹⁶⁰ Idem, *Ibidem*, p. 159.

¹⁶¹ Idem, *Ibidem*, p. 159.

¹⁶² Idem, *Ibidem*, p. 156.

¹⁶³ Cristina; FERNANDES, Carlos - Turismo cultural no Alto Minho: algumas reflexões sobre os estudos de mercado de 1997, 2001 e 2004. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007, p. 511.

perceber que é possível praticar várias atividades, conviver e trocar várias ideias, tradições e culturas entre os próprios proprietários das casas e os hóspedes. Se os meses de maior afluência são os de verão, de maior calor, sendo eles por ordem de maior concorrência, agosto, julho, setembro e junho.¹⁶⁴, a verdade é que existe um esforço para ultrapassar o peso da sazonalidade.

¹⁶⁴ MENEZES, Maria do Rosário Calheiros - *Turismo no Minho: Uma abordagem de Rede*. Aveiro: Universidade de Aveiro, p. 71.

Conclusão

O percurso de investigação realizado permitiu-nos acompanhar práticas turísticas, nomeadamente os conceitos de Turismo em Espaço Rural para somente Turismo de Habitação. Na nova legislação, o Turismo de Habitação engloba as Casas Antigas, as Casas Rústicas e as Quintas e Herdades.

Por outro lado, observou-se como muitas Casas Antigas, plenas de espessura histórica (muitas ligadas à nobreza fundacional de Portugal) sobreviveram, desempenhando ao longo do tempo muitas funções. Começando por ser, muitas vezes casa de defesa e tornando-se mais tarde, vários séculos depois em casas senhoriais que se transformaram em casas para Turismo de habitação. As Casas Antigas encontram-se espalhadas por todo o país, no entanto existe uma grande concentração no Norte do país, em especial em Ponte de Lima, caracterizada por um património imóvel, móvel e imaterial que se articula com a história destas Casas.

Fica cada vez mais evidente, que a forma de manter, sustentar estas Casas é criar condições para outros, que não apenas os seus proprietários, darem-lhes valor. É o que acontece com as Casas aqui definidas e que fazem parte do conjunto das Casas Antigas de Portugal. Os equipamentos, os percursos definidos, a carga histórica parece ser o valor que atrai os turistas que aí se situam. Algumas destas Casas mereceram já classificação patrimonial, um selo de qualidade patrimonial nem sempre invocado. Ficou claro, que cada uma das casas mereceria uma monografia mais desenvolvida e uma pesquisa que as identificasse cabalmente. Nalguns casos, mesmo classificadas, os seus proprietários não manifestaram interesse em divulgar as suas potencialidades, não só porque não nos responderam, como também não nos permitiram aceder à própria Casa. Uma das maiores lacunas de informação, e porque se torna delicada, é perceber a relação custos/benefícios, as participações financeiras de entidades públicas, programas comunitários, etc. Mesmo perceber se os proprietários seguem as regras impostas pela legislação.

O que é certo, é que para os turistas, uma das maiores razões para se instalarem nestas casas é a de reviverem o passado, que remontam sempre ao antigo, ao passado, tendo sempre um certo toque de conforto e modernidade. De alguma forma é uma maneira de fugir à rotina, uma forma de sair da maneira de viver habitual. É, ainda, uma forma de conviver com culturas diferentes, não só típicas da região mas também próprias de outros turistas que frequentam a mesma casa no mesmo momento.

Este convívio é mesmo geracional, porque as pessoas que frequentam estas casas e que praticam este género de turismo, têm as mais variadas idades, dos mais jovens que se deslocam em grupo para se divertirem, usufruírem das diversas atividades oferecidas, da praia, piscina, entre outras, aos mais velhos que vão para descansar, aproveitar a calma e a tranquilidade que a natureza e o ar do campo oferecem.

Este tipo de turismo oferece calma, a amabilidade das pessoas em receberem em suas casas e a troca de culturas. Quem pratica este tipo de turismo tem experiências diferentes, visto que há a interação com outros turistas, de diferentes nacionalidades, culturas e até estratos sociais.

As pessoas que praticam este tipo de turismo são normalmente de um nível social superior e têm estudos. Maioritariamente são portugueses mas também estrangeiros que ficam por mais tempo.

Se nos focamos nas Casas Antigas a verdade é que elas não são ilhas, integram-se e procuram integrar-se na envolvente, beneficiam desta. Daí que se afirme que o turismo de habitação permite ainda o desenvolvimento local, visto que quando um turista se desloca a uma região tem a intenção de visitar o património, a localidade e usufruir de tudo o que esta possa oferecer. Os turistas costumam falar da maneira de bem-receber dos portugueses, acolhedores e que são tratados como se fossem da família. Este fator é importante, visto que o “passa-a-palavra” é um efeito positivo para o desenvolvimento de uma região. Se um turista gostar do tempo que passa numa casa e numa localidade, vai divulgar e isso faz com que haja uma maior afluência de turistas. Esta afluência é positiva para o desenvolvimento da região, no entanto pode se tornar negativa, visto que o nível de vida da

população local pode encarecer. Ou seja, afinal, todos procuram uma imagem que sendo diferente lhes dê o aconchego de uma Casa.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia

Fontes impressas

- Decreto-Lei 251/84
- Decreto-Lei 54/2002
- Decreto-Lei 39/2008
- Portaria 937/2008

Bibliografia

- ABREU, Antonio Pastor – Turismo: desarrollo duradero? In *Pasos, Revista de turismo y patrimonio cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 2, 2004.
ISSN: 1695-7121
- ACOSTA, Elías Zamora – Sobre património e desarrollo. Aproximación al concepto de património cultural y su utilización en procesos de desarrollo territorial. In *Pasos, Revista de turismo y patrimonio cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 9, 2011.
ISSN: 1695-7121
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho. Novos Guias de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- ALMEIDA, C.A. Ferreira de – Património: Riegl e Hoje. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, 1993.

- AMARAL, Augusto Ferreira do - O conceito de fidalgo de solar no antigo direito nobiliárquico. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007.

- AZEREDO, Francisco de - *Casas Senhoriais Portuguesas. Viagens de Estudo Do IBI*. Braga: Oficinas Gráficas da Livraria Cruz, Volume I, 1978.

- AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969. Set Volume 1 a 7.

- AZEVEDO, Cristina; FERNANDES, Carlos - Turismo cultural no Alto Minho: algumas reflexões sobre os estudos de mercado de 1997, 2001 e 2004. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007.

- BAPTISTA, José António – *Casa das Torres*. Ponte de Lima: Boletim Paroquial, 1989.

- BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino; LOPES, João Teixeira - Nas rotas da Cidade. In *Encontro A Cidade, entre projetos e políticas*. Porto: FLUP, 2003.

- BOTELHO, Manuel João Dias – *O Património. E o Futuro? (Uma urgência problemática)*. Tarouca: Camara Municipal de Tarouca, 1998.

- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa - Implicações do turismo no espaço rural e em estabelecimentos da agricultura familiar. In *Pasos, Revista de turismo y patrimonio cultural*. Espanha: Instituto Universitário de Ciências Políticas e Sociais, Volume 9, 2011.
ISSN: 1695-7121

- Carta de Cracóvia 2000. *Princípios para a conservação e o restauro do património construído*. Cracóvia (Polónia), 26 de Outubro de 2000.

- Carta Internacional sobre turismo cultural – *La Gestión del Turismo en los sítios com Património Significativo*. Adaptada por ICOMOS en la 12ª Asamblea General en México, Outubro de 1999.

- CARVALHO, Teresa de – A qualidade ao serviço da tradição. In *Solares de Portugal*. Ponte de Lima: TURIHAB, 2006.

- Conde D'Aurora – *Roteiro da Ribeira Lima*. 3ª Edição. Porto: Livraria Simões Lopes, 1959.

- Conde de Calheiros - *Palestra Proferida em 20 de Maio de 1995 na sede da casa do concelho de Ponte de Lima*. Lisboa, 1995.

- FERNANDES, José Alberto V. Rio – “O comércio e o turismo no desenvolvimento de espaços periférico portugueses”. In *Percursos & Ideias, Revista Científica do Instituto de Ciências Empresariais e do Turismo*. Porto: ISCET, Volume 5, 2002.

- FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Da torre solarenga à torre de aparato: Formas da casa nobre do século XVI ao século XVIII. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007.

- Guia Observação do Património Rural. Lisboa: DGADR, 2009.

- INÁCIO, Ana Isabel - O Enoturismo: da tradição à inovação, uma forma de desenvolvimento rural. In *Actas do III Congresso de Estudos Rurais*. Faro: Universidade do Algarve, 2008.

- LIMA, Luís; CARVALHO, Teresa – *Solares de Portugal*. [S.L.]: Unibanco, 2000.

- MARTINS, Paulina - Turismo em Espaço Rural VS Turismo de Habitação. A Nova Legislação. In *II Encontro Nacional de Turismo de Habitação*. Ponte de Lima, 1994.

- MENEZES, Maria do Rosário Calheiros - *Turismo no Minho: Uma abordagem de Rede*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009.

- MORAIS, Adelino Tito – *Como se fundou a vila de Ponte de Lima? (Ligeiras Notas)*. 3ª Edição. Ponte de Lima: Edição do Autor, 2002.

- MOTA, Mécia; REMOALDO, Paula Cristina; RIBEIRO, J. Cadima - A evolução do turismo cultural e os desafios que se colocam aos pequenos núcleos urbanos: o caso de Ponte de Lima. In *I Congresso Internacional de Turismo*. Barcelos: ESG/IPCA, 2010.

- OLIVEIRA, Luís Filipe Aleixo de - *Enoturismo [texto policopiado] : a rota dos vinhos verdes no concelho de Ponte do Lima*. Maia : Instituto Superior da Maia, 2007.

- PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto: FLUP, Volume 1, 2004. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- PAIVA, Maria Amélia da Silva – *As portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, Funções e Significados*. Porto: FLUP, Volume 2, 2004. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- PINA, Maria Helena Mesquita (1990) – O Espaço Agrário de Ponte de Lima. [Em linha]. In *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. I Série, Volume VI, Porto, 1990.

- PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor - Da linhagem ao solar. Algumas reflexões sobre a evolução da nobreza (séculos XII e XV). In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007.

- Relatório de Sustentabilidade do Turismo de Portugal – *Atuar para o desenvolvimento Sustentável*. Turismo de Portugal, I.P., 2010. Disponível em: [http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/RelatorioSustTP2010\[1\].pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/RelatorioSustTP2010[1].pdf)

- RIBEIRO, José Cadima; VAREIRO, Laurentina Cruz – Turismo e desenvolvimento regional: O espaço rural como destino turístico. In *1º Congresso Internacional*. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007.

- SALAVESSA, Maria Eunice da Costa - Teoria histórico-Crítica do restauro arquitetónico e da reabilitação de núcleos urbanos – sua aplicabilidade na defesa do património edificado da região do Douro. In *Casa Nobre. Um Património para o futuro*. Atas 1º Congresso Internacional. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2007.

- SILVA, Luís – A procura do turismo em espaço rural. In *Etnográfica*. Centro de Estudos de Antropologia Social: Número 11, 2007.

- SILVA, Luís - *Os impactos do turismo em espaço rural*. Lisboa: Antropologia Portuguesa, 2005/2006.

- SILVA, Luís – Perspectiva antropológica do turismo de habitação em Portugal. In *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Volume 5. Número 2. 2007.

- *Solares de Portugal*. Edição e Coordenação: TURIHAB. Maiadouro, 1999.

- TELES, Susana Maria Machado - *O património como fonte de desenvolvimento sustentável nas zonas rurais do Interior norte de Portugal. O caso do Concelho de Vieira do Minho nas últimas três décadas*. Porto: FLUP, 2009. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Webgrafia

- <http://www.casadeanquiao.com/casa.php?lang=pt> (acesso em 03/12/11).
- <http://www.casadoabarreiro.com/index2.html> (acesso em 03/12/11).
- <http://www.casa-da-lage.com/> (acesso em 08/12/11).
- <http://www.casadastorres.com/> (acesso em 08/12/11).
- <http://www.casadavarzea.eu/> (acesso em 08/12/11).
- <http://www.center.pt/PT/editoriais.php?editorialid=97> (acesso em 14-01-12).
- <http://www.europetraditions.com/portugal/p/map.html> (acesso em 20/12/11).
- http://www.instituto-camoes.pt/lextec/por/domain_8/definition/15755.html (acesso em 20-11-2011).
- <http://www.maisturismo.pt> (acesso em 20/12/11).
- <http://www.pacodecalheiros.com/PT/contactos.htm> (acesso em 23/01/12).
- <http://www.pontedelima.com/0-alojamento/turismo-no-espaco-rural> (acesso em 21/10/11).

- <http://www.portimar.pt> (acesso em 20/12/11).
- <http://www.portugal-rural.com> (acesso em 10/01/12).
- <http://www.solaresdeportugal.pt/PT> (acesso em 28/09/2011).
- <http://www.turihab.pt> (acesso em 11/12/11).
- <http://www.turismorural.pt/index.php?p=privetur> (acesso em 13/01/12).
- <http://portugal.veraki.pt> (acesso em 02/07/2012).
- <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72733/> (acesso em 20/09/2012)
- <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71409/> (acesso em 20/09/2012)
- <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71409/> (acesso em 20/09/2012)
- <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74695/> (acesso em 20/09/2012)
- http://www.solaresdeportugal.pt/PT/popup_foto.php?fotoid=solar_30_foto_1_or_g.jpg&comprimento=400&altura=300&casaid=30&numero=1&foto_casa=1&tipo=2 (acesso em 20/09/2012)
- http://www.solaresdeportugal.pt/PT/popup_foto.php?fotoid=solar_35_foto_1_or_g.jpg&comprimento=400&altura=300&casaid=35&numero=1&foto_casa=1&tipo=2 (acesso em 20/09/2012)

Anexos

Anexo 1

Breve questionário enviado às Casas Antigas em Ponte de Lima referenciadas como Turismo de Habitação

1. Localização Geográfica (Freguesia).
2. Acesso (Proximidade a vias principais e secundárias).
3. Sinalética de Identificação.
4. História da Instituição:
 - 4.1- Família a que pertence;
 - 4.2- Ano em que foi construída;
 - 4.3- Modificações que foi sofrendo ao longo dos tempos;
 - 4.4- Em que ano passou a ter prática turística e que fatores influenciaram esta decisão.
5. Tipo de Alojamento e Infraestruturas: número de quartos; tipologia dos quartos (suites, etc.); número de salas e para que fins servem; se possui piscina; biblioteca; salão de jogos e campos de jogos.
6. Serviços Prestados e comodidades: Pequenos-almoços; almoços; lanches; jantares; serviço de bar; refeições (cozinha regional ou outra).
7. Espaço Envolvente:
 - 7.1- É rodeada por espaços de carácter ambiental (lagos, riachos,...);
 - 7.2- Implantada em zona próxima do centro urbano;
 - 7.3- Sítios de interesse nas redondezas que captem a atenção dos turistas alojados.
8. Atividades oferecidas pela instituição:
 - 8.1- Atividades desportivas: como andar a cavalo, andar de bicicleta;
 - 8.2- Passeios: pelos jardins das casas ou outros em redor;
 - 8.3- Prova de vinhos;
 - 8.4- Atividades e jogos lúdicos para crianças e para adultos;
 - 8.5- Visitas guiadas à região;
 - 8.6- Atividades ligadas à gastronomia local.
9. Características e motivação dos seus visitantes:
 - 9.1- Nos últimos dois anos, percentagem de estrangeiros e de portugueses (de que regiões ou países);
 - 9.2- Quantos dias costumam ficar e em que época há uma maior afluência?;

- 9.3- Nível Cultural;
- 9.4- Idade média dos turistas;
- 9.5- É habitual virem famílias? Quantos e número por família em média?;
- 9.6- Os turistas optam por ficar alojados nesta casa por que razões?
Pela casa e o seu ambiente, pela sua situação geográfica, por descanso, por negócio? (a resposta pode ser múltipla);
- 9.7- Como sabem da existência desta casa? (Internet, amigos, familiares,...).

Anexo 2 – Respostas ao Questionário das Casas Antigas

2.1 – Casa de Anquião

1. Localização Geográfica (Freguesia).

Fica localizada na freguesia de Fornelos.

2. Acesso (Proximidade a vias principais e secundárias).

Fica bem situada e encontra-se bem localizada. As vias são de fácil acesso.

3. Sinalética de Identificação.

Encontra-se bem sinalizado, no entanto apenas obtivemos respostas no Hotel Axis Golfe.

4. História da Instituição:

4.1- Família a que pertence;

Esta casa pertence à família do proprietário António Victor Gonçalves da Silva.

4.2- Ano em que foi construída;

Foi construída no século XVI.

4.3- Modificações que foi sofrendo ao longo dos tempos;

Sofreu várias modificações ao longo do tempo.

4.4- Em que ano passou a ter prática turística e que fatores influenciaram esta decisão.

5. Tipo de Alojamento e Infraestruturas: número de quartos; tipologia dos quartos (suites, etc.); número de salas e para que fins servem; se possui piscina; biblioteca; salão de jogos e campos de jogos.

Possui 7 quartos, sendo que 5 são duplos e 2 são suites. Não souberam responder qual o número de salas que possui a casa. Tem piscina exterior, biblioteca, campo de golfe e ténis.

6. Serviços Prestados e comodidades: Pequenos-almoços; almoços; lanches; jantares; serviço de bar; refeições (cozinha regional ou outra).

Tem serviço de pequenos-almoços e os almoços, lanches e jantares poderão ser feitos no Restaurante Olival, que se situa no Hotel Axis Golfe. Não tem serviço de bar.

7. Espaço Envolvente:

7.1- É rodeada por espaços de carácter ambiental (lagos, riachos,...);

Está numa zona rodeada pela natureza, tem muito espaço verde.

7.2- Implantada em zona próxima do centro urbano;

Fica situado um pouco distante da zona centro de Ponte De Lima.

7.3- Sítios de interesse nas redondezas que captem a atenção dos turistas alojados.

Esta casa encontra-se inserida no Campo de Golfe “Axis Golfe de Ponte de Lima” que oferece aos turistas a possibilidade de poderem disfrutar de várias partidas de golfe.

8. Atividades oferecidas pela instituição:

8.1- Atividades desportivas: como andar a cavalo, andar de bicicleta;

Esta casa tem parcerias com empresas de karting e canoagem.

8.2- Passeios: pelos jardins das casas ou outros em redor;

É possível passear pelos jardins da casa, que têm uma área muito extensa.

8.3- Prova de vinhos;

Tem parceria com uma empresa para os turistas que o desejarem fazer.

8.4- Atividades e jogos lúdicos para crianças e para adultos;

Tem alguns jogos que permitam entreter crianças e adultos..

8.5- Visitas guiadas à região;

Tem parcerias com empresas para este efeito.

8.6- Atividades ligadas à gastronomia local.

Possui algumas atividades ligadas à gastronomia local.

9. Características e motivação dos seus visitantes:

9.1- Nos últimos dois anos, percentagem de estrangeiros e de portugueses (de que regiões ou países);

Existem mais portugueses, cerca de 60%, sendo que os restantes 40% estão distribuídos entre espanhóis, ingleses, franceses, holandeses e alemães.

9.2- Quantos dias costumam ficar e em que época há uma maior afluência?;

Tanto portugueses como estrangeiros ficam no mínimo durante 2 dias.

9.3- Nível Cultural;

O nível cultural dos seus hóspedes é alto.

9.4- Idade média dos turistas;

Os turistas têm uma idade média de 35 anos.

9.5- É habitual virem famílias? Quantos e número por família em média?;

Normalmente vêm famílias, constituídas por 2 a 4 elementos.

9.6- Os turistas optam por ficar alojados nesta casa por que razões? Pela casa e o seu ambiente, pela sua situação geográfica, por descanso, por negócio? (a resposta pode ser múltipla);

Principalmente os turistas escolhem esta casa por se encontrar próximo de Ponte de Lima, pelo caráter ambiental e pelo campo de golfe.

9.7- Como sabem da existência desta casa? (Internet, amigos, familiares,...).

Maioritariamente têm acesso a informação da casa através da internet.

2.2 – Casa do Barreiro

1. Localização Geográfica (Freguesia).

Localizada na freguesia da Gemieira.

2. Acesso (Proximidade a vias principais e secundárias).

É uma casa de fácil acesso, sendo que se situa numa via principal.

3. Sinalética de Identificação.

Encontra-se bem sinalizada, tem sinal que nos indicam o caminho de maneira a chegarmos à casa sem qualquer problema.

4. História da Instituição:

4.1- Família a que pertence;

Esta casa pertence à família da proprietária, Maria Teresa M. M. Faria Barbosa.

4.2- Ano em que foi construída;

Foi construída no século XVII.

4.3- Modificações que foi sofrendo ao longo dos tempos;

Esta casa foi sofrendo muitas modificações ao longo dos anos.

4.4- Em que ano passou a ter prática turística e que fatores influenciaram esta decisão.

Começou a ter prática turística, foi uma das primeiras casas antigas em Portugal a ter prática turística.

5. Tipo de Alojamento e Infraestruturas: número de quartos; tipologia dos quartos (suites, etc.); número de salas e para que fins servem; se possui piscina; biblioteca; salão de jogos e campos de jogos.

Esta casa tem 6 quartos e 3 apartamentos e tem áreas salas.

6. Serviços Prestados e comodidades: Pequenos-almoços; almoços; lanches; jantares; serviço de bar; refeições (cozinha regional ou outra).

Tem serviço de pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar, no entanto quando a casa se encontra com lotação esgotada, não há a possibilidade de se servir jantar. Esta casa possui bar, no entanto não tem serviço de bar.

7. Espaço Envolvente:

7.1- É rodeada por espaços de carácter ambiental (lagos, riachos,...);

É rodeada por espaços verdes, e uma extensa áreas de vinha.

7.2- Implantada em zona próxima do centro urbano;

Encontra-se relativamente perto do centro urbano.

7.3- Sítios de interesse nas redondezas que captem a atenção dos turistas alojados.

Os sítios de interesse são principalmente o centro de Ponte de Lima e os espaços verdes.

8. Atividades oferecidas pela instituição:

8.1- Atividades desportivas: como andar a cavalo, andar de bicicleta;

Não oferece qualquer tipo de atividade desportiva.

8.2- Passeios: pelos jardins das casas ou outros em redor;

É possível dar-se passeios pela casa, visto que possui um área grande e tem muita área de vinhas.

8.3- Prova de vinhos;

Sim, tem produção de vinho branco, rosé e tinto. É considerado um dos melhores vinhos da região.

8.4- Atividades e jogos lúdicos para crianças e para adultos;

Há a possibilidade de se fazer caminhadas à beira rio e de se fazer atividades náuticas no centro náutico de Ponte de Lima, assim como praticar atividade no hipódromo. Também é possível se deslocarem até à praia. Atividades que a casa possua ou jogos que possa oferecer para crianças e adultos, não existem.

8.5- Visitas guiadas à região;

É a TURIHAB que organiza.

8.6- Atividades ligadas à gastronomia local.

Existem através de almoços e de jantares

9. Características e motivação dos seus visitantes:

9.1- Nos últimos dois anos, percentagem de estrangeiros e de portugueses (de que regiões ou países);

Normalmente os turistas que frequentam esta casa são de nacionalidade maioritariamente espanhola, no entanto também vêm franceses, ingleses e portugueses.

9.2- Quantos dias costumam ficar e em que época há uma maior afluência?;

Nos apartamentos normalmente ficam entre uma a duas semanas, nos quartos ficam 1 ou 2 dias.

9.3- Nível Cultural;

O nível cultural dos turistas é elevado.

9.4- Idade média dos turistas;

Varia, tanto vêm jovens, como vêm casais mais velhos. Varia muito também do tempo que ficam alojados e do propósito que os traz até esta casa.

9.5- É habitual virem famílias? Quantos e número por família em média?;

As famílias que vêm são constituídas principalmente por 3 a 4 pessoas.

9.6- Os turistas optam por ficar alojados nesta casa por que razões? Pela casa e o seu ambiente, pela sua situação geográfica, por descanso, por negócio? (a resposta pode ser múltipla);

Principalmente é pelo património e pela história.

9.7- Como sabem da existência desta casa? (Internet, amigos, familiares,...).

Sabem através da TURIHAB e da internet, pelo booking e pela top rural.

2.3 – Casa de Crasto

1. Localização Geográfica (Freguesia).

Fica situada mesmo em Ponte de Lima.

2. Acesso (Proximidade a vias principais e secundárias).

Esta casa é talvez das mais bem situadas, visto que se encontra muito próxima do centro de Ponte de Lima e fica situada numa estrada principal.

3. Sinalética de Identificação.

Não se encontra muito bem sinalizada.

4. História da Instituição:

4.1- Família a que pertence;

Pertence à Família Francisco de Mello Pereira.

4.2- Ano em que foi construída;

Século XVII é a primeira referência que existe sobre a casa.

4.3- Modificações que foi sofrendo ao longo dos tempos;

Sofreu obras de restauro, a capela foi destruída pois pensava-se que existia lá um tesouro.

4.4- Em que ano passou a ter prática turística e que fatores influenciaram esta decisão.

Passou a ter prática turística há cerca de 30 anos.

5. Tipo de Alojamento e Infraestruturas: número de quartos; tipologia dos quartos (suites, etc.); número de salas e para que fins servem; se possui piscina; biblioteca; salão de jogos e campos de jogos.

Esta casa possui 6 quartos e existe um apartamento com 2 quartos. Existem 2 salas para convívio e uma para festas, não tem piscina, nem salão de jogos e tem biblioteca. Não tem campo de jogos.

6. Serviços Prestados e comodidades: Pequenos-almoços; almoços; lanches; jantares; serviço de bar; refeições (cozinha regional ou outra).

Tem serviço de pequenos-almoços e os almoços, lanches e jantares só são servidos por marcação. Não tem serviço de bar.

7. Espaço Envolvente:

7.1- É rodeada por espaços de carácter ambiental (lagos, riachos,...);

Tem uma grande área verde, com grandes jardins para se passear.

7.2- Implantada em zona próxima do centro urbano;

Encontra-se muito próxima do centro urbano.

7.3- Sítios de interesse nas redondezas que captem a atenção dos turistas alojados.

Principalmente o centro de Ponte de Lima para onde nos podemos deslocar a pé devido à proximidade da casa ao centro.

8. Atividades oferecidas pela instituição:

8.1- Atividades desportivas: como andar a cavalo, andar de bicicleta;

De momento não tem, embora tenha condições.

8.2- Passeios: pelos jardins das casas ou outros em redor;

É possível passearmos pelos jardins da casa.

8.3- Prova de vinhos;

Esta casa oferece ao turista a experiência de fazer provas de vinhos.

8.4- Atividades e jogos lúdicos para crianças e para adultos;

Não possui atividades nem jogos lúdicos para crianças.

8.5- Visitas guiadas à região;

Tem visitas guiadas à região.

8.6- Atividades ligadas à gastronomia local.

Oferece atividades ligadas à gastronomia local.

9. Características e motivação dos seus visitantes:

9.1- Nos últimos dois anos, percentagem de estrangeiros e de portugueses (de que regiões ou países);

No verão há mais portugueses e na época baixa há mais espanhóis.

9.2- Quantos dias costumam ficar e em que época há uma maior afluência?;

Os hóspedes ficam em média 3 noites.

9.3- Nível Cultural;

Possuem um nível cultural bastante acima da média.

9.4- Idade média dos turistas;

A idade dos turistas situa-se entre os 35 e os 50 anos.

9.5- É habitual virem famílias? Quantos e número por família em média?;

Sim, normalmente as famílias optam por ficar nos apartamentos, assim como os grupos.

9.6- Os turistas optam por ficar alojados nesta casa por que razões? Pela casa e o seu ambiente, pela sua situação geográfica, por descanso, por negócio? (a resposta pode ser múltipla);

É diferente do habitual, é um tipo de trismo mais familiar.

9.7- Como sabem da existência desta casa? (Internet, amigos, familiares,...).

Normalmente sabem da existência desta casa através da internet e de associações como a TURIHAB.

2.4 – Casa da Várzea

1. Localização Geográfica (Freguesia).

Fica situada na freguesia de Beiral do Lima.

2. Acesso (Proximidade a vias principais e secundárias).

Fica um pouco distante de vias principais.

3. Sinalética de Identificação.

É uma casa que se encontra muito bem sinalizada.

4. História da Instituição:

4.1- Família a que pertence;

Pertence à família do proprietário Inácio Barreto Caldas da Costa.

4.2- Ano em que foi construída;

Esta casa foi construída no século XVII.

4.3- Modificações que foi sofrendo ao longo dos tempos;

Ao longo dos anos foi muito alterada.

4.4- Em que ano passou a ter prática turística e que fatores influenciaram esta decisão.

Começo a ter prática turística em 1991.

5. Tipo de Alojamento e Infraestruturas: número de quartos; tipologia dos quartos (suites, etc.); número de salas e para que fins servem; se possui piscina; biblioteca; salão de jogos e campos de jogos.

Esta casa tem 6 quartos e 3 salas. Tem piscina, biblioteca e salão de jogos. Campo de jogos não tem.

6. Serviços Prestados e comodidades: Pequenos-almoços; almoços; lanches; jantares; serviço de bar; refeições (cozinha regional ou outra).

O pequeno-almoço é sempre servido. Os almoços, lanches e jantares não são servidos, no entanto existe um acordo com um restaurante local para o caso dos hóspedes estarem interessados.

7. Espaço Envolvente:

7.1- É rodeada por espaços de carácter ambiental (lagos, riachos,...);

Esta casa tem uma grande área verde.

7.2- Implantada em zona próxima do centro urbano;

Não se encontra muito próxima do centro urbano.

7.3- Sítios de interesse nas redondezas que captem a atenção dos turistas alojados.

Tem uma grande área verde e o centro histórico de Ponte de Lima.

8. Atividades oferecidas pela instituição:

8.1- Atividades desportivas: como andar a cavalo, andar de bicicleta;

Esta casa oferece aos seus hóspedes a possibilidade de darem passeios de bicicleta.

8.2- Passeios: pelos jardins das casas ou outros em redor;

É possível passear pelos jardins da casa, visto que possui uma extensa área verde.

8.3- Prova de vinhos;

É oferecido aos turistas a possibilidade de terem uma experiência diferente, através da prova de vinhos.

8.4- Atividades e jogos lúdicos para crianças e para adultos;

Tem atividades e jogos para crianças e adultos no salão de jogos.

8.5- Visitas guiadas à região;

Não tem visitas guiadas à região.

8.6- Atividades ligadas à gastronomia local.

Não tem atividades ligadas à gastronomia local.

9. Características e motivação dos seus visitantes:

9.1- Nos últimos dois anos, percentagem de estrangeiros e de portugueses (de que regiões ou países);

A grande maioria de turistas que frequenta esta casa são espanhóis.

9.2- Quantos dias costumam ficar e em que época há uma maior afluência?;

Normalmente ficam alojados durante 2 dias.

9.3- Nível Cultural;

O nível cultural destes turistas é elevado.

9.4- Idade média dos turistas;

A idade dos turistas situa-se entre os 50 e os 60 anos.

9.5- É habitual virem famílias? Quantos e número por família em média?;

Normalmente vêm mais casais.

9.6- Os turistas optam por ficar alojados nesta casa por que razões? Pela casa e o seu ambiente, pela sua situação geográfica, por descanso, por negócio? (a resposta pode ser múltipla);

Pela publicidade que a casa tem, acham-na bonita, acolhedora e agradável.

9.7- Como sabem da existência desta casa? (Internet, amigos, familiares,...).

Através da internet, de amigos e de guias turísticos.

2.5– Paço de Calheiros

1. Localização Geográfica (Freguesia).

Está situada na freguesia de Calheiros.

2. Acesso (Proximidade a vias principais e secundárias).

Esta casa encontra-se bem situada numa zona perto de uma via principal.

3. Sinalética de Identificação.

A sinalética de identificação permite chegar à casa facilmente.

4. História da Instituição:

4.1- Família a que pertence;

Esta casa pertence a Calheiros e Menezes. Francisco Silva de Calheiros e Menezes é o atual representante da Família, chefe do nome de armas de Calheiros, Senhor do Solar de Calheiros e representante do Título de Conde de Calheiros.

4.2- Ano em que foi construída;

Não há registo da construção da inicial torre medieval. A Honra de Calheiros foi confirmada por D. Afonso IV em Santarém, aos 5 de Fevereiro de 1336, a favor de Martim Martins Calheiros, cuja honra lhe fora dada por El Rei D. Dinis. Posteriormente D. Sebastião, por sentença de 12 de Novembro de 1566, retificou os direitos e demarcações daquela honra a favor de Diogo Lopes de Calheiros, o ilustre autor do Memorial de Calheiros. A Casa nunca deixou a família, sendo apontada como uma das que conserva ainda esta nobre particularidade.

4.3- Modificações que foi sofrendo ao longo dos tempos.

Sofreu uma reedificação em 1450 (foi desfeita a torre, e com essa pedra construída a parte esquerda do atual solar. Em finais do século XVII, inícios do século XVIII foi acrescentado ao edifício o seu atual lado direito (da capela à frontaria sobre o vale, ladeada por duas torres).

4.4- Em que ano passou a ter prática turística e que fatores influenciaram esta decisão.

Passou a ter prática turística no ano de 1985.

5. Tipo de Alojamento e Infraestruturas: número de quartos; tipologia dos quartos (suites, etc.); número de salas e para que fins servem; se possui piscina; biblioteca; salão de jogos e campos de jogos.

Esta casa possui 9 quartos na casa, 6 apartamentos, 1 cottage com 3 quartos, todos suites. Tem salas de estar: 3 na casa, 1 dos apartamentos, 1 na cottage. O complexo possui pavilhão de festas, piscina, corte de ténis, 3 cavalos, e zona para passeio. Está em desenvolvimento um projeto para oferta de mais atrativos turísticos, nomeadamente de spa.

6. Serviços Prestados e comodidades: Pequenos-almoços; almoços; lanches; jantares; serviço de bar; refeições (cozinha regional ou outra).

O alojamento inclui pequeno-almoço, as outras refeições podem ser solicitadas. Há serviço de bar.

7. Espaço Envolvente:

7.1- É rodeada por espaços de carácter ambiental (lagos, riachos,...);

Os 13 hectares da propriedade, murada, constam de espaços verdes, de lazer e agrícolas (como vinha, horta, mata, 2 lagoas)

7.2- Implantada em zona próxima do centro urbano;

A propriedade fica a 7 km de Ponte de Lima e 30 km de Viana do Castelo.

7.3- Sítios de interesse nas redondezas que captem a atenção dos turistas alojados.

Existem sítios de interesse nas redondezas como Ponte de Lima, Ponte da Barca, Monção, Gerês, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Barcelos.

8. Atividades oferecidas pela instituição:

8.1- Atividades desportivas: como andar a cavalo, andar de bicicleta;

A oferta consiste nas infraestruturas disponíveis.

8.2- Passeios: pelos jardins das casas ou outros em redor;

Possibilidade de passeio em toda a propriedade. São também disponibilizadas informações sobre trilhos na freguesia envolvente e na região.

8.3- Prova de vinhos; Sim.

8.4- Atividades e jogos lúdicos para crianças e para adultos; Não

8.5- Visitas guiadas à região; Não

8.6- Atividades ligadas à gastronomia local. Não

9. Características e motivação dos seus visitantes:

9.1- Nos últimos dois anos, percentagem de estrangeiros e de portugueses (de que regiões ou países);

Cerca de 80 % de estrangeiros (Espanha, França, Holanda, Grã-Bretanha, Bélgica, Itália, Dinamarca, Estados Unidos, Brasil, Canadá, Austrália).

9.2- Quantos dias costumam ficar e em que época há uma maior afluência?;

A época de maior afluência é entre Maio e Setembro. Os hóspedes portugueses ficam em média uma noite, os estrangeiros duas, exceto nos meses de Verão, sobretudo Julho e Agosto, em que há marcações para períodos mais longos, de uma semana ou mais.

9.3- Nível Cultural; Os hóspedes têm um nível cultural elevado.

9.4- Idade média dos turistas;

A idade dos turistas é média 55 anos.

9.5- É habitual virem famílias? Quantos e número por família em média?; Sim, sobretudo no Verão, em média de 4 pessoas.

9.6- Os turistas optam por ficar alojados nesta casa por que razões? Pela casa e o seu ambiente, pela sua situação geográfica, por descanso, por negócio? (a resposta pode ser múltipla);

Os hóspedes vêm sobretudo para descansar, para desfrutar da beleza da casa e toda a sua envolvência.

9.7- Como sabem da existência desta casa? (Internet, amigos, familiares, ...).

Esta foi a primeira casa de Turismo de Habitação a abrir e o seu proprietário foi o fundador dos Solares de Portugal, de que é Presidente. Há hóspedes que já conhecem a casa de longa data, outros tiveram conhecimentos por amigos, através da internet, de publicações impressas ou programas televisivos.